

Mensagem

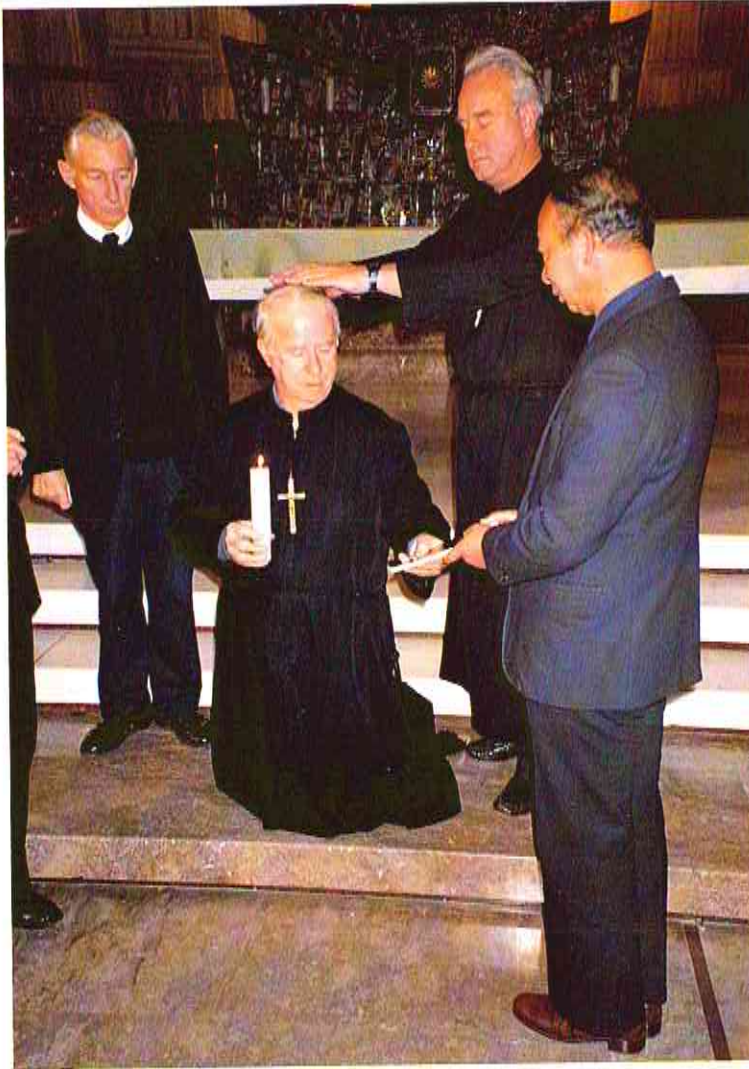
BOLETIM DO INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS



ANO 1989

JANEIRO

NÚMERO 4



ORAÇÃO

*do Irmão Charles Howard
por ocasião da cerimônia
de envio à China*

Nós vos agradecemos, Senhor,

- * o dom da vida dos Irmãos europeus que deixaram sua terra para ir à China, sabendo que, provavelmente, nunca regressariam. Nós vos agradecemos esses exemplos de coragem e de sacrifício de si pelo bem dos outros.

Nós vos agradecemos, Senhor,

- * o dom concedido ao mundo pela existência do povo chinês. Oxalá cheguemos a maior compreensão da mentalidade, da história dessa gente e estejamos prontos «a acolher os valores evangélicos já presentes em sua cultura» (*Const. 91*).

Nós vos agradecemos, Senhor,

- * o exemplo maravilhoso de tantos Irmãos que passaram a vida em dificuldades, numa época cheia de confusão, Irmãos que sofreram a guerra, a prisão, a perseguição e a fome. De modo especial, agradecemos a lição de fidelidade dos Irmãos da China interior que permaneceram fiéis à vocação apesar de sofrimentos enormes. Oxalá seus sacrifícios e o testemunho de vida que nos dão sirvam para sermos mais fiéis aos compromissos que assumimos.

Maria, nossa Boa Mãe,

- * confiamos a vida e o trabalho dos Irmãos da China em vossas mãos. Nós vos pedimos continueis a ajudá-los em sua fidelidade e lhes deis ânimo na audaciosa visão do futuro.

Ir. Charles Howard

Mensagem do Irmão Charles Howard

Prezados Irmãos,

Ao nos deparar com o duplo aniversário de Champagnat: o bicentenário de seu nascimento e o sesquicentenário de sua morte, penso que podemos sentir com facilidade o momento importante que representa para cada um de nós e para o Instituto. É uma oportunidade para refletir e celebrar, não em sentido triunfalista, mas num agradecimento sereno, o passado, acrescido à alegria do presente com seus desafios, repletos de esperança ao encararmos o futuro.

Em todas as províncias estão sendo feitos preparativos para tornar o evento memorável através de publicações, projetos, exposições, vídeos... e haverá funções litúrgicas e sociais pelo mundo inteiro. Algumas províncias planejam novos campos de apostolado para celebrar o aniversário de Champagnat. Outras, estão empenhadas na árdua, mas necessária tarefa de examinar as prioridades apostólicas. Tudo isto é muito animador. Todos sabemos, no entanto, que há um sentido que é mais importante e significativo do que as celebrações e terá lugar dentro do coração de cada um de nós, os Irmãos de Champagnat.

É por este motivo que a reflexão e a oração comunitárias assumirão maior importância para todos nós. Como ponto de partida para nossa reflexão, poderíamos tomar o Artigo 164 de nossas Constituições:

*«Nosso Instituto, dom do Espírito Santo à Igreja,
é para o mundo uma graça sempre atual.»*

Sabemos que, guiado pelo Espírito, Marcelino foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros. Esta foi a fonte de sua espiritualidade e de sua energia apostólica e disso decorre o caráter distintivo do Instituto. O que herdamos não é alguma coisa apenas exclusiva para nós. É dom do Espírito à Igreja, para a construção do Povo de Deus. E esse dom do Espírito é uma realidade confiada a nós Irmãos Maristas de hoje. Não me estou referindo aqui ao talento especial ou à perícia em conduzir escolas, o que é óbvio para nós, devido aos muitos anos

SUMÁRIO

<i>Mensagem do Irmão Charles Howard, S.G.</i>	1	A vida do Instituto	27
Pesquisas Maristas	4	—Sessão para os responsáveis dos postulantes em Nairobi	27
—Entrevista com o Irmão Juan María Merino	5	—Visita do Ir. Charles Howard aos Irmãos da China	30
—Entrevista com o Irmão Gabriel Michel	9	—Perfil do Irmão Marista que queremos formar na América Latina	33
—Confidências do Irmão Alexandre Balko	13	—La Salette 88: «caminhada com Maria»	37
—Entrevista com o Irmão Paul Sester	16	—Curso misto: Padres, Irmãos e Irmãs Maristas em Roma	38
—Entrevista com o Irmão Aureliano Brambila	20	José, marista ignoto	41
—Depoimento sobre o Irmão Pierri Zind	23	Os Irmãos Provinciais e os Superiores de Distrito	43
—Testemunho sobre o Irmão Aleixo Maria Autran	25	Nossos defuntos	45
		Estatísticas do Instituto em 31 de dezembro de 1987	48

de experiência acumulada que temos. Não, estou falando de alguma coisa mais profunda e rica do que isso. O que estou a dizer é uma graça, um dom do Espírito a Marcelino e, depois, aos Irmãos até os dias de hoje; um dom que envolve uma espiritualidade particular; um espírito distintivo e uma orientação apostólica para a educação cristã da juventude, especialmente dos mais necessitados. Este dom é exatamente tão real para cada um de nós como foi para Champagnat e nossa resposta deve ser no sentido de vivê-lo, desenvolvê-lo e compartilhá-lo.

Um dos cantos que mais aprecio é a «Família Marista», composto por um grupo de Irmãos da Espanha e recentemente traduzido para o francês. Há Irmãos que sabem que gosto dele e às vezes o cantam para me dar prazer. Nas celebrações do centenário, em Madrid, em 1986, houve um jantar para os Irmãos, pais, ex-alunos, amigos e professores. Acho que havia umas 1 400 pessoas presentes. No final da refeição, pedi para dizer algumas palavras e na conclusão de minha breve intervenção, disse-lhes que tinha um favor especial a pedir-lhes. Houve um sussurro e então lhes disse que gostaria de levar comigo a lembrança especial de todos os 1 400 cantando a «Família Marista». Eles o fizeram e guardo grata recordação do fato:

*Não é nosso vezo virar as costas
ao trabalho que nos confiam hoje.
Marcelino deve viver em toda a parte,
em nossos braços fortes e em nossos corações.
E na trilha traçada por outrem,
continuaremos com nossos Irmãos.*

É verdade: Somos os Champagnats de hoje.

- Somos Champagnats para os jovens em necessidade, para os que andam em busca de valores, para os que procuram testemunhos aceitáveis de cristianismo.*
- Somos Champagnats para os jovens que precisam dos Irmãos, de alguém que os escute, para encorajá-los e amá-los.*
- Somos Champagnats para os pobres, os que nada possuem, os marginalizados: somos Irmãos para os que mais precisam.*
- Somos Champagnats para nossos Irmãos, com nosso cuidado, encorajamento, amparo, orações e amor.*
- Somos Champagnats para a Igreja que está lutando para servir a humanidade. Seguimos Champagnat em seu grande amor à Igreja - o povo peregrino, o corpo de Cristo.*
- Somos Champagnats para os que desconhecem Maria, que não compreendem o amor que ela lhes tem, sua presença entre eles.*

Somos Champagnats para renovar, para «refundar» o Instituto, hoje. Não haverá nenhum gênio que virá nos dizer exatamente o que fazer para renovar o Instituto. O instrumento mais importante do Espírito Santo na renovação do Instituto é a conversão do coração de cada Irmão Marista, quando nos dispomos a dar nossa medida de amor ao mundo, quando nos pomos a «refundar» nossa comunidade, distrito, província, o Instituto em resposta ao apelo do Espírito Santo. Acredito que cada um de nós é chamado durante este tempo para ver como pode ser mais fiel ao carisma de Champagnat.

Recordo ter lido um artigo, faz anos, em que o escritor dizia que houve muitos Superiores gerais que escreveram artigos importantes, visitaram mosteiros e foram ativos para conseguir a renovação dos carmelitas. Mas foi apenas onde havia santos — João da Cruz e Teresa — como Superiores gerais que aconteceu a renovação real. Não estou de acordo com essa teoria e parte do motivo, sem dúvida, reside na visão de minha própria fraqueza. Se os Irmãos Maristas precisam de um santo, então o último Capítulo tirou a sorte errada!

Precisamos todos ser santos e me parece que neste momento de nossa história temos o privilégio de ser chamados juntos para um esforço muito especial — ser mais fiéis ao espírito do Bemaventurado Marcelino Champagnat. Celebrar o duplo aniversário de Champagnat e não nos esforçarmos para ser mais fiéis a «essa graça sempre importante para o mundo», me pareceria atitude muito superficial.

Regressei da China há algumas semanas. Que grande privilégio foi o meu de falar com homens que seguiram sua vocação de Irmãos Maristas com destemor, apesar de toda espécie de sofrimentos e perigos. Sentir algo de seu espírito, da sede de conhecer tudo que se relaciona com o Instituto, foi grande alegria e lição inesquecível. Às vezes pensamos que sofremos, que a vida está difícil, que não nos prestam atenção, etc. Bem, Irmãos, a experiência dos Irmãos da China pode nos ajudar a encarar melhor as coisas. Aqueles Irmãos entraram realmente no mistério pascal de Jesus.

Possam a fidelidade e a coragem de tais Irmãos ser para nós um apelo para maior fidelidade ao carisma de Champagnat em seu amor aos jovens, aos pobres; em seu espírito de simplicidade, humildade, modéstia; em seu espírito de família e em seu grande amor a Jesus e Maria.

Fomos auxiliados muito na compreensão do Fundador pelos diversos Irmãos que lhe pesquisaram a vida e nos transmitiram o fruto de suas reflexões e investigações. A todos esses Irmãos, de modo especial aos que estão colaborando nesta edição FMS-Mensagem, de boa vontade expresso meus agradecimentos e os de todo o Instituto. Os que conhecemos esses Irmãos estamos cientes do amor apaixonado que têm por Marcelino Champagnat e pelo Instituto. Em nome de todos nós agradeço a eles de coração. Deve dar muita satisfação a tais Irmãos o fato de saber que, no Instituto, Marcelino Champagnat é conhecido melhor e seu carisma compreendido de maneira mais profunda graças a seus trabalhos.

Deixo-os, prezados Irmãos, nos Corações de J.M.J.Ch.

Cordialmente,

Ir. Charles Howard

Irmão Charles Howard
Superior geral

O Irmão Raul Goffinet acaba de deixar a direção de FMS-Mensagem e regressou a sua província da Bélgica-Holanda. Agradecemos os bons serviços que prestou.

No seu lugar está o Irmão José Maria Ferre, do distrito do Zaire.

PESQUISAS MARISTAS

Em preparação ao bicentenário do nascimento do Padre Champagnat, FMS-Mensagem consagra boa parte deste número aos pesquisadores do Instituto: esse grupo de Irmãos que consagraram muito tempo à aventura necessária e apaixonante da volta às fontes.

Quem são eles? Qual o fruto de seus trabalhos? Que conteúdo nos oferecem? Entre eles, alguns nos são pessoalmente conhecidos; outros, não-lo são através dos escritos. Os Irmãos Juan María Merino, Gabriel Michel, Alexandre Balko, Paul Sester, Aureliano Brambila compartilham esse trabalho de pesquisas, seus objetivos e desejos.

Acrescentamos dois depoimentos sobre os Irmãos Pierri Zind e Aleixo Maria Autran. Eles nos deixaram durante o ano mariano para dividir com Maria e Marcelino a exatidão de suas pesquisas.

Desejamos que as reflexões apresentadas nos ajudem a entusiasmar o coração, no princípio do Ano Champagnat.

«É de joelhos que se descobre o verdadeiro rosto dos santos»

ENTREVISTA COM O IRMÃO JUAN MARÍA MERINO

Encontrei o Irmão Juan María em seu retiro de Lardero (Espanha). Uma casa bem planejada e acolhedora para os Irmãos idosos. Está lá desde 1985. A vista está se enfraquecendo aos poucos, mas o Irmão Juan María, aos 79 anos de idade, permanece jovem de espírito. O Irmão fala... Que memória prodigiosa tem esse homem que recorda datas e nomes sem hesitação alguma; escuta as fitas gravadas como peças literárias; ajudado por uma grossa lente, trabalha ainda em seu quarto semeado de livros e papéis; passeia tranquilamente no jardim, ajudado pela bengala de ancião; e, sobretudo, sim, sobretudo, reza: «Gosto das horas solitárias com o Senhor, diz ele, sinto que a presença de Deus age, purifica, transforma, santifica... Quando penetramos no mundo sobrenatural é maravilhoso! Era o que ensinava o Padre Champagnat!»

Falar no Padre Champagnat, é tocar numa das fibras mais sensíveis do Irmão Juan María.

Quando começou seu interesse pelo Padre Champagnat?

É paixão que tenho desde o segundo noviciado. Dei-me conta de que não tínhamos aprofundado o Padre Champagnat que nos era apresentado na «Vida» do Irmão João Batista. Foi a partir daquele momento que comecei a ler e a pesquisar tudo quanto se referia ao Fundador. Consagrei treze anos às pesquisas na média de oito horas por dia.

Tinha objetivos claros desde o começo?

Não, isso faltava. Tenho um temperamento prático, ativo. Era secretário, em Roma, quando da reeleição do Irmão Basílio. Um dia ele me chamou e disse: «Sei que gosta de trabalhar em assuntos referentes ao Padre Champagnat: vá a l'Hermitage, pois.» Fui, comecei a ler, a recolher dados... assim foi meu começo. Permaneci em Hermitage tanto tempo quanto as forças o permitiram.

Irmão, creio que suas pesquisas visaram sobretudo a espiritualidade do Padre Champagnat. É verdade?

Sim, preparei quatro volumes de cento e cinquenta páginas cada um.



— Pesquisas maristas —

Acredito que é o primeiro estudo feito desta maneira, digamos, um pouco moderna. O título poderia ser: «Ensaio de uma biografia espiritual do Padre Champagnat.» Mas não foi ainda publicado. Penso oferecê-lo ao Irmão Superior geral em homenagem ao bicentenário.

«Quis fazer salientar os valores espirituais»

Que fontes utilizou para descobrir a espiritualidade do Padre Champagnat?

Existe uma que não é sempre utilizada: não se encontram os santos nos arquivos, mas ao pé do tabernáculo, Deus é quem ensina a ciência dos santos. Os arquivos são muito bons, são necessários, e eu mesmo os consultei muitas vezes, mas... é de joelhos que se descobre o verdadeiro rosto dos santos. Por exemplo,

não se compreende através de documentos qual foi a oração do Padre Champagnat ou seu sofrimento silencioso. Quis evitar o risco de certo horizontalismo na maneira de apresentar o Padre Champagnat. Foi nos momentos de oração que comeci a compreender melhor, essa foi minha experiência e estou satisfeito. Acredito que aquele que não frequenta a capela, não pode estar certo de convencer a alguém.

Então, as pesquisas históricas?

Minhas buscas orientaram-se em quatro dimensões: em primeiro lugar, tentei preencher algumas lacunas que se encontram na «Vida» do Irmão João Batista, especialmente no que concerne à família do Padre Champagnat. A seguir, desenvolvi os aspectos humanos e espirituais de sua personalidade; finalmente tudo quanto diz respeito ao estudo do carisma. Eis as grandes linhas de minhas investigações. O conjunto constitui uma série de uns vinte «Cadernos Champagnat».

Serão eles publicados?

Tudo foi registrado em fitas magnéticas e dactilografado. Atualmente está sendo copiado em disquete informático. O conjunto será remetido ao Conselho geral que decidirá o que fazer. Sei também que as províncias da Espanha querem publicar alguma coisa.

«Ultrapassar uma visão horizontalista»

Irmão, falou do perigo de certo horizontalismo ao falar do Padre Champagnat. Queria explicar sua idéia?

O Concílio nos tinha pedido de retornar às fontes. Penso que alguns se deixaram levar por um movimento por demais humano: punha-se ênfase nos valores humanos, o que provocou uma corrente de contestação da autoridade. Conheci jovens Irmãos que se sentiram perdidos numa crise de identidade, tenho pena deles.



Então, quis fazer salientar os valores espirituais. Não podemos ignorar os aspectos humanos do Padre Champagnat, mas é sua espiritualidade que tem prioridade para nós. Para ultrapassar uma visão horizontalista é necessário que apresentemos um Champagnat conhecido e vivido. Os que nos escutam devem sentir que estamos convictos, que vivemos o que anunciamos, de outra maneira perde-se tempo.

Então, Irmão, como vê o Padre Champagnat depois de ter aprofundado sua espiritualidade?

Oh, como o vejo diferente agora! Dou-lhe dois exemplos: ao analisar certas cartas, que escreveu em momentos de intensa dor, compreendo melhor seu sofrimento, percebo melhor seus sentimentos do coração. Os traços utilizados nos quadros de l'Hermitage são muito expressivos... falam de disponibilidade, de escuta... Se leio as cartas, os documentos sobre o Padre Champagnat à luz do tabernáculo, tais documentos tornam-se completamente outros e neles se descobre uma grande riqueza. É o Cristo que nos ensina as riquezas dos santos; deixa-lhes alguns defeitos para os santificar de verdade.

Está de acordo com as grandes linhas traçadas pelo Irmão João Batista em sua «Vida»?

Evidentemente. É claro que o Irmão João Batista foi condicionado por sua época e por seu estilo. Acredito que apesar disso a Vida do Fundador foi escrita melhor do que outras biografias daquele tempo. O que não seria normal é cairmos ainda agora nos mesmos erros do passado.

Como explica que o Padre Champagnat, sob as aparências um pouco severas, pudesse constituir um atrativo tão forte para os Irmãos?

O Padre Champagnat tinha uma vontade quase inflexível, um sentido do «eu» muito elevado. Nunca permitia alguma coisa que pudesse ir con-

tra os valores espirituais que ele cultivava nele e nos Irmãos. Por ocasião do episódio das meias de pano, por exemplo, agiu rigorosamente porque queria defender sua obra a todo custo. O Padre Champagnat se mostra inflexível somente quando um valor superior está em perigo.

**«É necessário
deixar de lado
as longas considerações
e passar à vida real»**

Irmão, tem rica experiência da vida do Instituto. Encara o presente com otimismo?

Como não! Penso que agora existe um movimento realmente formidável. Sou pequeno de estatura, mas tenho uma antena comprida e capto muitas coisas. Hoje, procura-se uma espiritualidade de atitudes: é necessário que os valores de que falamos se traduzam por gestos concretos de serviço, de generosidade e de dedicação... De outra maneira, são meras palavras, e sabe que os jovens não gostam de discursos. Isto parece ser esquisito, mas continuo ter boas relações com os jovens. Constatado que o Padre Champagnat era amado e admirado porque refletia esta espiritualidade do dom de si, de disponibilidade, de dedicação. Isso nada tem a haver com o blá-blá-blá.

Irmão, diz que aos 79 anos de idade entra facilmente em contacto com os jovens. Qual o segredo?

Trata-se de saber escutar os jovens. Se a gente é o que deve ser, então, a corrente passa e é formidável. É o espírito que conta, o resto não é lá tão importante. É necessário deixar de lado as longas considerações e passar à vida real. O diálogo, para mim, é quando um juvenista bate à porta e pergunta: «Posso falar-lhe?» Respondo-lhe: «Pois, sente-se aqui.» Escuto. É assim: começa-se escutando.

Insisto, nosso espírito atual é maravilhoso! Com isto se explica que para atrair os jovens o Padre Champagnat tinha uma força que não se encontra em outros fundadores. Não podemos deixar passar a ocasião: os jovens querem ver como é nossa vida.

Entre os valores que percebe no Padre Champagnat poderia especificar os que mais entusiasma os jovens de hoje?

Penso que os jovens ficam maravilhados com a vida espiritual do Padre Champagnat: sua paciência diante do sofrimento, o diálogo franco com os Irmãos, o dom total de si, tudo isto influencia os jovens. Champagnat dizia aos paroquianos: «Saibam que sempre são bem-vindos na paróquia. Estou pronto a lhes prestar serviço não importa a que horas do dia ou da noite.» Eis a disponibilidade que os jovens admiram e gostariam que se traduzisse nos Irmãos. Leio o entusiasmo nos olhos dos jovens, quando lhes falo do Padre Champagnat que continua a atraí-los sobretudo por causa dessa dedicação que os jovens tanto amam.

**«O Padre Champagnat
continua
a atrair os jovens»**

Irmão, poderia dar suas impressões sobre os grupos que recebeu em Hermitage?

Durante o tempo que estive lá, creio ter acolhido de setenta e cinco a oitenta grupos. Acompanhei-os um pouco por toda a parte, porque não se tratava de fazer conferências. Penso que o desejo de conhecer melhor o Padre Champagnat era evidente. Muito tem sido feito, mas é alguma coisa que deve ser mais promovida. Acho que ainda não conhecemos bem o Padre Champagnat.

— Pesquisas maristas —

Estou convencido de que será proclamado santo quando fizermos esforços para lhes sermos semelhantes. Não se trata de gritar, mas de viver com autenticidade.

Irmão, o coração se reflete no rosto. Em toda a iconografia que temos sobre o Padre Champagnat, qual o quadro, a seu parecer, que melhor o identifica?



Gosto do desenho de Goyo que representa o jovem Marcelino ao lado do pai sentado. Exprime toda a confiança que tinha no pai. Para mim, é claro que a influência do pai formou nele o homem. Algumas idéias do Padre Champagnat vêm de seu pai: o amor ao trabalho, o fato de fazer do trabalho uma virtude; sua preocupação para com os pobres e necessitados, a igualdade que imprime em sua congregação, são idéias geniais do Padre Champagnat que contribuíram para dar uma característica própria à nossa congregação.

Irmão, para concluir, poderia sintetizar seus desejos em face do bicentenário?

Desejaria que se pudesse falar do Padre Champagnat com otimismo e verdade, num espírito de diálogo, e sobretudo, com a vida. Se o Padre Champagnat é um santo, procuremos também a santidade.

*

Para ampliar o conhecimento das nossas origens e da nossa espiritualidade, o Irmão Superior geral com seu Conselho promove e coordena as investigações acerca da vida, obra e época do Fundador e sobre a história do Instituto (Estatuto 164.1).

«Houve três mil Irmãos que passaram por Hermitage durante os últimos doze anos»

ENTREVISTA COM O IRMÃO GABRIEL MICHEL

L'Hermitage e o Irmão Gabriel Michel formam uma boa dupla. A gente percebe que está em seu ambiente. Encontra-se um pouco em toda parte: acompanha os grupos, dá conferências, realiza pesquisas, escreve,... É com muita dificuldade que se descobre um espaço em seu horário sobrecarregado.

Desde quando, Irmão?

Desde 1976. Vim aqui para l'Hermitage quando deixei o cargo de Secretário geral.

Mas seu interesse pela pesquisa sobre as coisas maristas vem de mais longe, não é verdade?

Sim, quando estava em Valbenoite tinha começado a descobrir que existiam coisas interessantes na prefeitura de Marlies, nos arquivos de St.-Étienne e em outros lugares. Partindo de meus conhecimentos sobre a infância de Marcelino Champagnat, tentei descobrir outros detalhes que poderiam completá-los. Li diversos livros referentes à época da Revolução, e também de outros problemas sociais daqueles tempos. Tomei conhecimento como era a vida dos trabalhadores e dos camponeses para compreender melhor o que significava para Marcelino a vontade de se preocupar com os pobres.

Atualmente suas pesquisas são mais variadas?

Além da infância, da juventude de Marcelino Champagnat e dos problemas sociais da época, me interessei pela história do reconhecimento legal do Instituto. Um pouco também pelo Irmão Francisco, porque me ha-



viam solicitado de preparar algumas conferências sobre ele. As pesquisas sobre o assunto do reconhecimento legal me permitiram descobrir muitos detalhes interessantes e pouco conhecidos, tanto sobre a vida do Padre Champagnat como daquela do Irmão Francisco.

Finalmente, acrescentaria o tema da obediência do Padre Champagnat. É o Padre Coste que me encaminhou nesta via, dando-me algumas cartas e documentos inéditos. Preparei diversas conferências a esse respeito.

«Não se pode separar a história da espiritualidade»

Que importância dá às pesquisas históricas?

Acredito que é necessário ver o Padre Champagnat no seu contexto histórico, caso contrário, correr-se o risco de não o compreender. Dou-lhe dois exemplos:

—Sua maneira de reagir diante do caso da impureza pode parecer um pouco violenta; hoje a gente diz que se precisa ter mais compreensão. Observe contudo que, mesmo em 1920, o papa Bento XV tinha tomado a defesa do Padre Champagnat: «Não achem algo a dizer sobre isso, julgo que fez muito bem.»

—A história dos bailes. Bastaria lembrar o que se ensinava nos seminários da época! Recordo-me de ter lido uma espécie de romance biográfico referindo-se a um camponês de La Valla, no fim do século XVIII: um sujeito dotado para a música que tocava violino para fazer dansar a gente. Um dia foi se confessar a um lazarista que o fez «renunciar a seu espantoso ofício»; o violino terminou nas chamas, para evitar as do inferno.

Ao estudar o comportamento dos padres da época, não há porque se chocar ou dizer que o Padre Cham-

pagnat era homem muito estreito de espírito. Para muitos casos, fazia como todos os outros. Acredito que, como confessor, o Padre Champagnat era mais moderado e animava os penitentes. Tudo isso, para dizer que não se pode separar a história da espiritualidade.

Irmão, o senhor pertence à mesma região do Padre Champagnat, foi Secretário geral, acredita que essas duas circunstâncias o ajudaram a fazer pesquisas?

O fato de ser da mesma região, creio que sim. Acabo de passar doze anos aqui, mas antes, entre La Valla, l'Hermitage, St.-Étienne e depois em minha terra natal, passei praticamente toda a vida nesta área. Os pequenos detalhes, os hábitos locais... percebem-se melhor quando se está na própria terra.

Quanto ao fato de ter sido Secretário geral, não acredito que me tenha

«O fato de ser da mesma região do Padre Champagnat creio que ajudou-me

auxiliado muito. Estava muito ocupado, e apesar de ser um apaixonado de pesquisas, não pude realizar muitas naquele período. Os arquivos estavam à minha disposição, mas não dispunha de tempo.

Algumas de suas pesquisas já foram publicadas. Gostaria de falar sobre elas?

Em primeiro lugar, publiquei «A História do Reconhecimento Legal do Instituto». Sabia que existiam muitos documentos e que seria bastante fácil produzir alguma coisa de útil. Há, por exemplo, muitos dados estatísticos que podem ser úteis. O Padre Coste me levou a fazer essa pesquisa para ver a influência que poderia ter tido sobre isso o colégio de St. Chamond.

Há ainda o romance histórico «Nascido em 89», sobre a infância e a juventude de Marcelino Champagnat. Este poderia ter sido tratado de maneira exclusivamente histórica e teria dado um livro volumoso, ao qual pouca gente se interessaria; ao passo que fazendo a narração de maneira romaneada, o livro se torna mais agradável de ler.

A gente pode perguntar-se o que há de novela e o que há de história. Coloquei o máximo de historicidade no



relato, mas evidentemente, fui obrigado a imaginar muitas coisas.

Existem outras publicações em perspectiva?

Em primeiro lugar, a segunda parte da História do Reconhecimento Legal, visto que a primeira parte termina em 1840 e o reconhecimento foi obtido só em 1851. O trabalho já está concluído e tudo está pronto para a publicação.

—Poderia publicar uma «História da Revolução em Marlies». História verdadeira, não novela. Essa publicação só está esperando os meios de fazê-la.

—Sobre o tema da obediência do Padre Champagnat, seria interessante publicar alguma coisa. O Irmão Basílio falou sobre isso em sua circular sobre a Obediência, e o Irmão Carlos, naquela sobre o discernimento. O material de que dispo- nho poderia fornecer matéria para um livro de uma centena de páginas.

«A marca mais forte do Padre Champagnat é a FÉ»

—Gostaria também de escrever uma Biografia do Irmão Francisco. Mas seria necessário que alguns Irmãos fizessem pesquisas sobre seus enormes cadernos, que nunca foram estudados. Se fossem pesquisados poder-se-ia, depois, escrever uma biografia do Irmão Francisco que seria bem documentada e que seria interessante, cheia de detalhes e de leitura agradável.

—Houve gente que me disse: «Escreveu uma biografia romanceada do Padre Champagnat, até sua chegada a La Valla, não seria preciso continuar?» O livro «Nascido em 89» acaba de vir a lume e não sei que repercussão terá. Se houver aceitação, poderia preparar um segundo volume sobre Champagnat em La

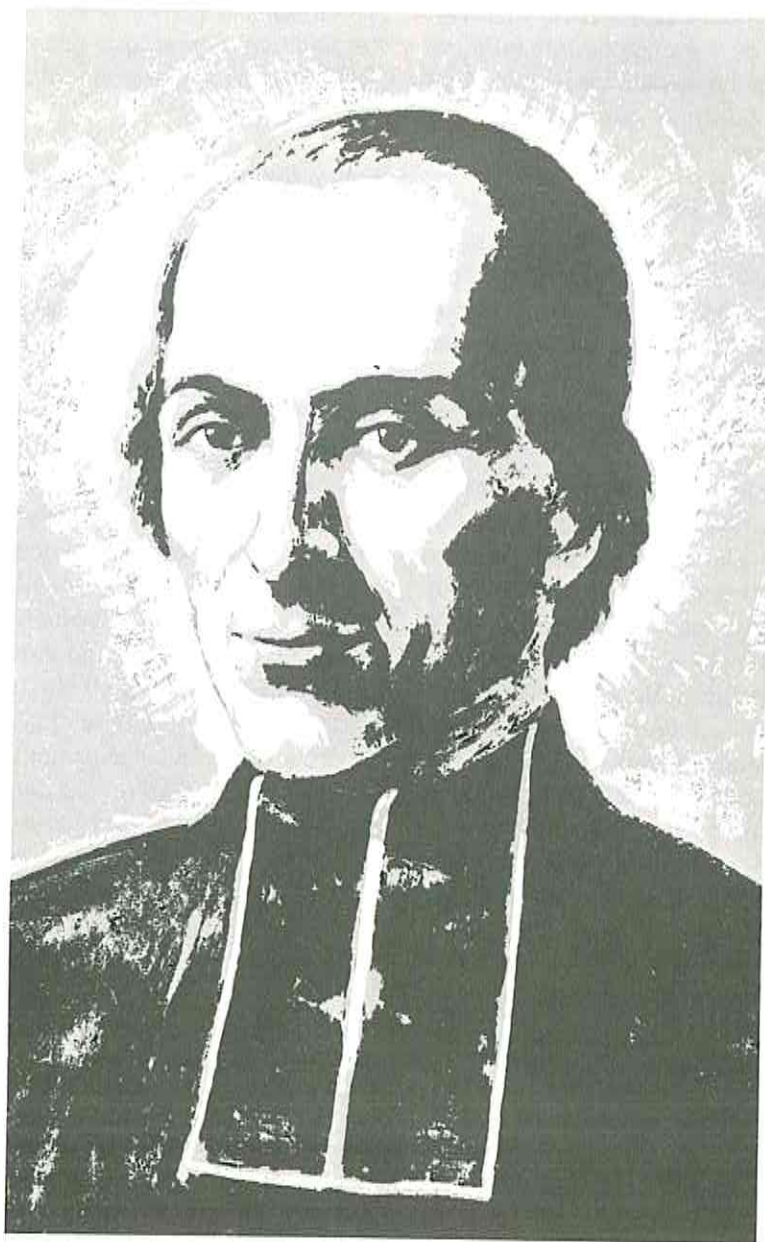
Valla e um terceiro sobre Champaignat em Hermitage.

O senhor reparte seu tempo entre a pesquisa e a acolhida dos diversos grupos que vêm a l'Hermitage. Quais são suas impressões sobre esses grupos e qual o interesse que demonstram por nossas origens?

O interesse dos Irmãos é evidente. Houve entre dois mil e três mil Irmãos que passaram por Hermitage

durante os últimos doze anos, isso representa un terço da Congregação.

A partir do ano passado, recebemos muitos grupos de meninos e de jovens. Muitas vezes vêm passar algumas horas apenas. A gente os divide em grupos: um passa à parte histórica, outro aos vitrais, outro aos afrescos; outros ainda assistem às projeções que lhe são apresentadas. Depois do meio-dia fazemos uma espécie de encenação para recapitular



tudo e termina-se com uma celebração. Constatou-se que esses grupos estavam muito interessados pela história do padre Champagnat.

As famílias também começam a interessar-se. Como o desenvolvimento do Movimento Família Marista, penso que o Padre Champagnat será mais conhecido e amado. Acho que aí está igualmente um fenômeno novo na espiritualidade. É verdade, evidentemente, que o essencial é Jesus, mas penso que em nossos dias, começa-se a compreender cada vez melhor que não se deve separar Jesus e Maria. Ademais, o interesse que se dá à santidade dos homens e das mulheres está crescendo. É alguma coisa que está chegando em boa hora.

Falemos da santidade de Marcelino Champagnat. De acordo com as pesquisas que fez, quais são os aspectos da vida, da personalidade e da espiritualidade que são, segundo seu parecer, mais importantes para nosso mundo de hoje e quais considera mais atuais?

Diria a FÉ. A fé plena na Providência, e em outra «providência» que se chama Maria. É impressionante a força que ele acha na confiança em Deus! Ao sair da doença de 1826, por exemplo, vendo os Irmãos acreditarem que tudo estaria acabado, diz-lhes: «Quando é que teremos sentimentos dignos de Deus?» Acredito que isso é semelhante ao que se vê entre os carismáticos de hoje. Parece-me que foi exagerado falar da pequena capacidade intelectual do Padre Champagnat. Não era tão atrasado assim, embora não fosse dos mais brilhantes! A pouca formação intelectual que dava aos Irmãos parece também um ponto um tanto

falho. Hoje, com a saturação intelectual existente, aceita-se mais facilmente essa realidade. A gente diz como os orientais: «É necessário que as coisas não permaneçam sempre no espírito, mas que passem para o coração.» Isto o Padre Champagnat compreendia muito bem.

Muitas outras coisas poderiam ser ditas, mas para mim, a marca mais forte do Padre Champagnat é a FÉ, fé idestrutível, confiança extraordinária no Senhor e na Virgem Maria.

Depois de suas pesquisas, depois de ter aprofundado a personalidade do Padre Champagnat, que quadro escolheria entre toda a iconografia que está à disposição?

É um pouco difícil de responder. Creio que o pintor de St.-Chamond que veio e fez seu retrato no dia da morte, deve ter feito uma reprodução que fosse a mais semelhante possível; não podia, é claro, dar-lhe todo o dinamismo que possuía quando vivo. Diz-se que a representação, há um antigo Irmão mexicano que fez um quadro do Padre Champagnat com um olhar terrível. Penso que entre os dois devemos procurar a verdade. Quer me parecer que as imagens de Goyo estão entre as melhores. O retrato realizado em branco e preto pelo senhor Mulder, a partir da pintura que se acha em Roma, chegou a alguma coisa bastante justa. É um pouco severo, mas percebe-se também a doçura profunda que ele tinha. É verdade que o Padre Champagnat era terrível e que a primeira impressão que ele dava era impressão de força; era um espinho com o qual não se brincava; mas, bem depressa compreendia-se que era profundamente bom.

Quais seriam seus desejos em face das celebrações do bicentenário?

Desejo que elas cedam lugar a uma recuperação da atualidade do Padre Champagnat e de seu sentido de Maria, faceta importante de sua maneira de perceber a fé.

Nossa época está reencontrando o lugar de Maria, e certos grupos a estão achando mais rapidamente do que os Irmãos. Deve-se, sem dúvida, a um Papa extraordinariamente mariano, mas também a formas antigas de devoção que estão tomando novos aspectos. Por exemplo, citemos o caso das pessoas que vão da Alemanha até Compostela, passando por Puy, em peregrinação que dura seis semanas e feita a pé. Mais modestamente, neste ano, jovens franceses fizeram a peregrinação Champagnat, desde La Louvesc (túmulo de S. Régis) até l'Hermitage. Acaba-se de criar o «Percurso Champagnat» que vai de l'Hermitage ao Rozet (33 quilômetros) e poderia também dar idéia de peregrinação.

Estão previstos encontros de jovens, também um simpósio europeu, para a primavera e verão próximos. Muitas realizações podem ainda aflorar nos meses vindouros. Que isso comporte um grande espetáculo, como em Marlihes ou no palácio de esportes de St.-Étienne, está ótimo. Mas tudo isso é coisa que nós organizamos como *nossos* meios, *nosso* zelo. Ora, o ensino constante da Bíblia é que tudo recebemos do Senhor.

Desejo pois, que no meio dos preparativos, o coração se volte mais resolutamente para Deus, Maria, o Padre Champagnat e que seja deles que nós esperamos o crescimento: «O que planta, o que rega nada são; é Deus que dá o crescimento» (1 Co 3).

«O Padre Champagnat era profundamente bom»

«A vontade de fazer um bom trabalho, em profundidade»

CONFIDÊNCIAS DO IRMÃO ALEXANDRE BALKO

Um dos pioneiros da pesquisa contemporânea

É um dos pioneiros da pesquisa contemporânea sobre o Padre Champagnat e talvez o mais antigo. Em 1971, sem esperar, o Conselho geral lhe pediu de colocar seus talentos e cultura a serviço da renovação dos estudos sobre o Fundador.

Esse apelo o retirou da escola Saint-Nicolas-de-Flue, de Friburgo, onde ensinava. Mas nem a universidade, nem sua atividade de Mestre de noviços, nem o magistério o tinham preparado diretamente para essas novas funções. Contudo, tinha gosto para o trabalho intelectual e pelos estudos que nunca interrompeu.

Em Roma, para onde foi chamado, ninguém sabia precisar o que lhe pediam: trabalhar sobre o Padre Champagnat. O Irmão Gabriel Michel, então Secretário geral, entrou em contacto com as universidades romanas; os Superiores preconizavam um trabalho sob forma de tese. A realização dessa orientação levou o Irmão Balko a recorrer ao Reitor das Faculdades Teológicas de Lião, onde tinha obtido a licença em filosofia e letras e que tinha cursado uma segunda vez para completar estudos teológicos. Voltou encantado pela acolhida e fixou uma orientação precisa. Pediam-lhe de se entregar mais um ano a estudos teológicos, que podia seguir ao mesmo tempo que realizava uma memória sobre o Padre Champagnat. Escolheu o estudo dos sermões do Bem-aventurado

Fundador. Foi aí que descobriu o traçado de seu caminho, em face das pistas que se lhe ofereciam. A primeira, o encaminhou para o quadro histórico, oferecendo-lhe uma pesquisa na bibliografia, as fontes. Muito depressa suas preferências o levaram à análise dos textos e lhe forneceram uma linha de trabalho. Tratava-se de renovar, de refrescar e de autenticar o patrimônio histórico do Instituto. Para fazer isso, era necessário realizar um trabalho de investigação para descobrir dados mais exatos. A tarefa levou o Irmão Balko, durante os primeiros anos de sua atividade especial, ao dédalo dos arquivos paroquiais, diocesanos e os dos Padres e Irmãos Maristas. Era muito importante ter contacto pessoal com os documentos de base. Sem os ignorar, avançava fora dos caminhos batidos e afastava-se das interpretações do Irmão João Batista. Até então, este tinha sido o único porta-voz de mensagem que o Padre Champagnat tinha encarregado de transmitir, achando-o mais indicado para essa missão. Foi tateando que

nosso investigador iria encontrar novas pistas sobre o Fundador. Essa aventura histórica e crítica, o pioneiro a percorreria com coragem, porque fora abiscatado!... A tarefa não lhe era fácil. Passo a passo, avançava com dificuldade, como sempre gostou de fazer, no terreno pedregoso do estudo crítico de todos os detalhes, sem estar provido do utensílio tranquilizador da formação técnica. Em todas as amostras de rocha que se apresentavam sob tantas facetas, ele as virava e revirava com satisfação que advém do estudo rigoroso. Sua aplicação no ensino da matemática, das ciências e da filosofia lhe tinham ensinado a maneira de proceder.

Já são dezessete anos que dura essa peregrinação aos textos do Bem-aventurado Fundador. Somente o Irmão Balko poderia revelar a história interior e nos dizer tudo quanto a resposta da obediência religiosa lhe revelou.

Reflexão, paixão pela verdade, satisfação pela descoberta aguçaram o



apetite do pesquisador. Toda idéia nascida era anotada e guardada em depósito. Dos textos veio extraindo, não somente o personagem histórico, mas o homem, o fundador, seu carisma, espiritualidade, espírito e missão. Os textos, ao revelarem seu senso íntimo, faziam aparecer o fundador e a verdade de sua mensagem. A lenta progressão na verdade produzia alegria e satisfação. Mas, que riscos a gente não pode correr

Paixão pela verdade

na interpretação de uma pessoa! Eis porque importava cercar-se de clareza, de deixar plena liberdade à crítica, garantia indispensável desta progressão para uma redescoberta do Padre Champagnat, com a desagradável surpresa, talvez, de contradizer seus primeiros discípulos! Precisava, então munir-se de garantias e avançar de maneira lenta, mas segura.

Os resultados das investigações preliminares para colocar em dia dados exatos, eram considerados aqui de grande valor. A concordância entre os testemunhos, os dados históricos

e a interpretação crítica dos textos deve produzir uma harmonia indispensável; é a agulha da bússola que orienta no sentido do bom caminho. Eis a primeira garantia! O perigo está à espreita nas pesquisas sobre o Padre Champagnat quando estas investigações são conduzidas em um tempo ou num domínio limitados; correm o risco de imprimir uma direção mais ou menos justa e de fazer levar a afirmações apressadas ou pouco exatas. Para conhecer, é preciso penetrar suficientemente nos detalhes. Foi assim que o Irmão Balko não se julgou autorizado a publicar seu primeiro trabalho sobre os sermões do Bem-aventurado Fundador.

Os trabalhos levados a efeito durante dezessete anos, começaram com a idéia fixa, a pretensão de querer dar uma nova imagem do Fundador e que tipo de imagem? O objetivo proposto sempre residiu na vontade de fazer um bom trabalho, em profundidade, a passo certo e comedido. A ação em si, levou o autor, que nela encontrou sua recompensa, a resultados e experiências onde se revelaram coisas sobre as quais não tinha pensado. É uma descoberta cair sobre um Padre Champagnat impressionante, personalidade notável, um líder. Os primeiros maristas, são muitos a dizer que seu coração ardia com o primeiro contacto que tiveram com o Bem-aventurado Padre Champagnat, durante os anos de formação!

*É uma descoberta
cair sobre
um Padre Champagnat
impressionante*

Que domínios particulares, que devem ser revistos, se apresentaram durante essa pesquisa? O Irmão Balko se interessou especialmente pela verdade histórica envolvendo a juventude do Fundador. Essa face do



personagem parecia bonita, na descrição feita pelo Irmão João Batista. Um reexame de todo o capítulo da juventude e dos estudos do Padre Champagnat se tornava útil. O estudo dos sermões, comportando pouca psicologia, reflexão, experiência das coisas escritas e sua comparação com as fontes, fez chegar a essa conclusão inevitável: o Padre Champagnat encontrava dificuldades sérias no trabalho intelectual. Sua habilidade nos trabalhos manuais e seu saber prático das coisas em suas relações humanas e na formação dos Irmãos trouxeram frutos excelentes. Exercia poderosa influência sobre os Irmãos e sobre os jovens, por sua personalidade rica, forte e atraente. Mostrou-se o Fundador capaz de fazer o trabalho direto de construir uma congregação, mas em nível prático e não teórico. Isso aparece em sua personalidade dinâmica, dedicada até aos extremos, amante e atraente, no seu caráter de chefe e de criador. É normal que o anverso dessa medalha se revele por certa pobreza em nível de trabalho intelectual propriamente dito. Incapaz de elaborar teorias, de escrever livros, de ocupar uma cátedra universitária, o Padre Champagnat torna-se impressionante nas realizações práticas, fazendo surgir a admiração no decorrer do estudo.

Esse quadro corresponderia a alguma obra realizada pelos diversos artistas? O único quadro que possa reproduzir alguma semelhança com o modelo é o que foi executado pelo senhor Ravery, artista e pintor de Saint-Chamond, chamado após a morte do Fundador para fixar seus traços. Para nós é o mais precioso, mas falta de inspiração e se revela incapaz de sugerir a riqueza da personalidade que representa. O jovem pintor Goyo tentou fazer essa evocação; como se colocou no bom caminho, a maturação de seu talento artístico nos reserva, talvez, felizes surpresas. O quadro do grande cor-

redor da casa generalícia não tem expressão alguma; é um manequim com olhos de vidro que nada tem do Padre Champagnat. A estátua de La Valla representando o Fundador com o Irmão Francisco é interessante em sua silhueta global. A estatura física do Padre é muito sugestiva. A alma de educador encontra expressão no sorriso discreto e no gesto paternal que dirige a esse menino dos campos.

Todos os anos, numerosos grupos de Irmãos estagiam em Notre-Dame de l'Hermitage onde entram em contacto com o Irmão Balko e suas pesquisas. Os primeiros demonstraram certo espanto ao constatar as divergências entre os frutos de seus estudos e os textos do Irmão João Batista, repetidos durante mais de um século. Mas os Irmãos se abriram rapidamente às novas perspectivas que apresentavam um Padre Champagnat mais autêntico nos aspectos humanos e espirituais. E isso foi um encorajamento apreciável para perseverar no árduo caminho. As conferências aos Irmãos fizeram amadurecer os aspectos principais e sugeriram novas perspectivas.

*Esse gênero de trabalho
requer muito tempo,
«presente raro»
entre os Irmãos Maristas*

O Irmão Balko confessa não ter escrito muito, mesmo que tenha sido convidado a fazê-lo. Dores de cabeça crônicas lhe tolhem toda disponibilidade para o trabalho de redação. Por outro lado, estima que os Irmãos têm mais necessidade de formação direta pelas conferências do que pelos textos, porque poderiam ler e não aprofundar, visto que muitos não são levados a esse esforço mental.

Muitos Irmãos, contudo, receiam que se percam os frutos de tantos anos de pesquisa. E o Irmão Balko se explica: «Sou homem que toma nota,...

faz esboços.» Suas reflexões sobre o Padre Champagnat e sua maturação estão no papel. Não estão completamente perdidas. Depois, ele está encarregado da formação dos Irmãos e alguns artigos já fixaram os elementos mais importantes. O essencial é que, pouco a pouco, os aspectos fundamentais do Fundador e de seu carisma se esclareçam e tomem consistência.

O exemplo desse pesquisador despertou novas vocações. O Irmão Balko constata a realidade desse movimento e atribui o entusiasmo aos Superiores. Fica satisfeito de ter podido orientar alguns jovens que se enveredaram por esse caminho. Dado que não temos tradição de pesquisa, nem longos estudos no Instituto, o tatear é inevitável. Não é de chofre que se chega à exatidão e à profundidade que se quer. Aliás, esse gênero de trabalho requer muito tempo, «presente raro» entre os Irmãos Maristas, tradicionalmente muito ocupados. É também a opinião do Padre Jean Coste, que tem experiência no assunto.

Como resumir os projetos do Irmão Balko em curso de realização? Ele ajuntou o estudo sistemático e a crítica de todos os escritos do Padre Champagnat: resoluções, sermões, cartas, Regras. Partiu desta convicção que o estudo dos textos permite extrair os traços essenciais do Fundador. O projeto primitivo era de fazer a análise metódica dos escritos do Fundador.

O bicentenário propiciará a edição do estudo das resoluções do Padre Champagnat? Esse trabalho, já tem uns dez anos, requer a correção de alguns detalhes e um enquadramento novo. Ao Irmão Balko repugna a idéia de uma edição em comemoração do centenário. Prefere ficar à disposição de Deus que pode orientar seu trabalho para um término em 89, mas se a edição se fizer em 90 não haverá mal algum!

«O Padre Champagnat me pareceu mais realista e mais humano»

ENTREVISTA COM O IRMÃO PAUL SESTER

O Irmão Paul Sester, nascido em 1926 em Schweighouse (Alto Reno, França) é pessoa bem conhecida. Licenciado em filosofia, foi professor, Diretor, Provincial, Conselheiro e Secretário geral. Atualmente trabalha nos arquivos da Casa generalícia. Tem fama de grande trabalhador. Gosta dos serviços que requerem pesquisa e reflexão.

Qual foi seu papel no movimento de volta às fontes nos últimos anos?

Procurei fazer pesquisas, mesmo antes de ser nomeado provincial de Saint-Genis-Laval. Comecei durante o ano de espiritualidade, em Roma. Então, tinha acesso aos arquivos. Quis descobrir o Padre Champagnat através de documentos autênticos e não me contentei apenas com o que se dizia.

Essas pesquisas permitiram-lhe descobrir um Padre Champagnat um pouco diferente do que tinha conhecido até então?

O Padre Champagnat apresentado nas Cartas não é diferente daquele que acreditava conhecer, mas me pareceu mais realista e mais humano. Apresenta-se homem imerso nas realidades terrestres, diante dos problemas da vida concreta. Apareceu-me despojado da auréola de santidade, fora do quadro hagiográfico no qual os biógrafos o apresentam.

Que aspectos, não colocados em relevo na biografia, sobressaem agora melhor, graças aos estudos das Cartas?

O Padre Champagnat nelas se revela mais em sua condição humana do que quando nos é apresentado na vida escrita pelo Irmão João Batista. Isso pode expressar certo realismo; o Fundador pode parecer mais natural, sob o ponto de vista humano.

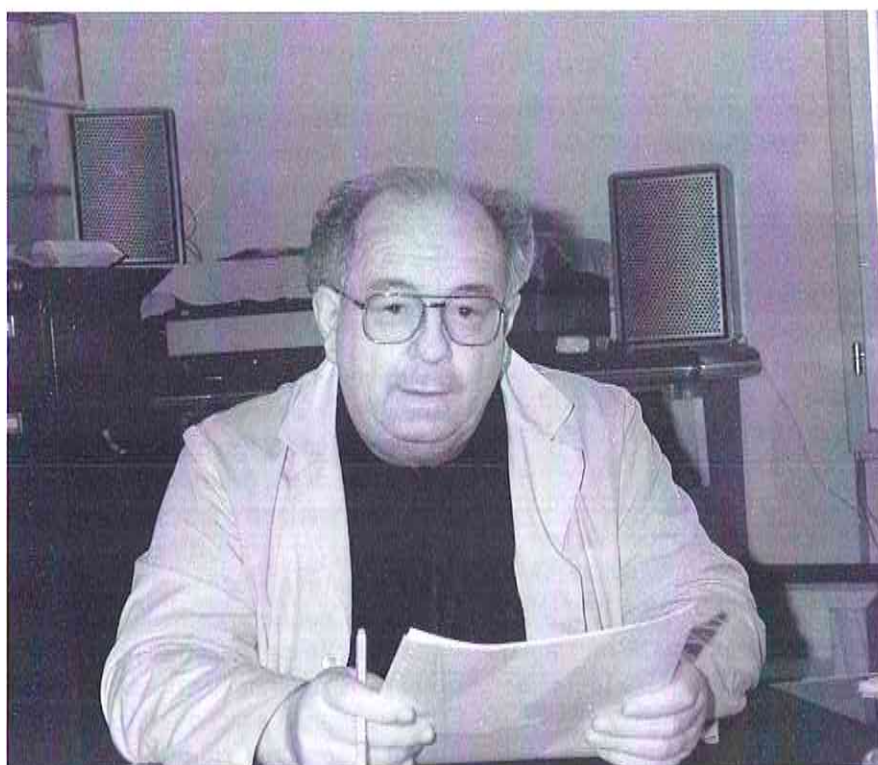
Para fazer esse grande trabalho, onde buscou o material?

Como disse, em 1967, durante o ano de espiritualidade em Roma, comecei a consultar os arquivos, e o que me interessava eram os escritos do Fundador. Depois, durante o provincialato em Saint-Genis-Laval, ajudado pelo Irmão Secretário, tentei recolher as cartas do Padre Champagnat. Meu objetivo era de juntar todos os escritos, os documentos mais diretos. Esse desejo continuou a perseguir-me quando fiquei Secretário e Conselheiro geral, porque com o passar dos anos, me dei conta das lacunas de minhas publicações anteriores.

O Irmão Balko me forneceu a lista das cartas do Padre Champagnat. Com o andar do trabalho e das pesquisas, ela ficou um pouco modificada. A seguir, comecei a catalogá-las todas com a maior exatidão possível. Os secretários de então me ajudaram no trabalho que fazia fora do expediente.

O senhor trabalhou em colaboração com o Padre Coste?

Pouco, realmente. No início, tentei apresentar algumas cartas e as sub-



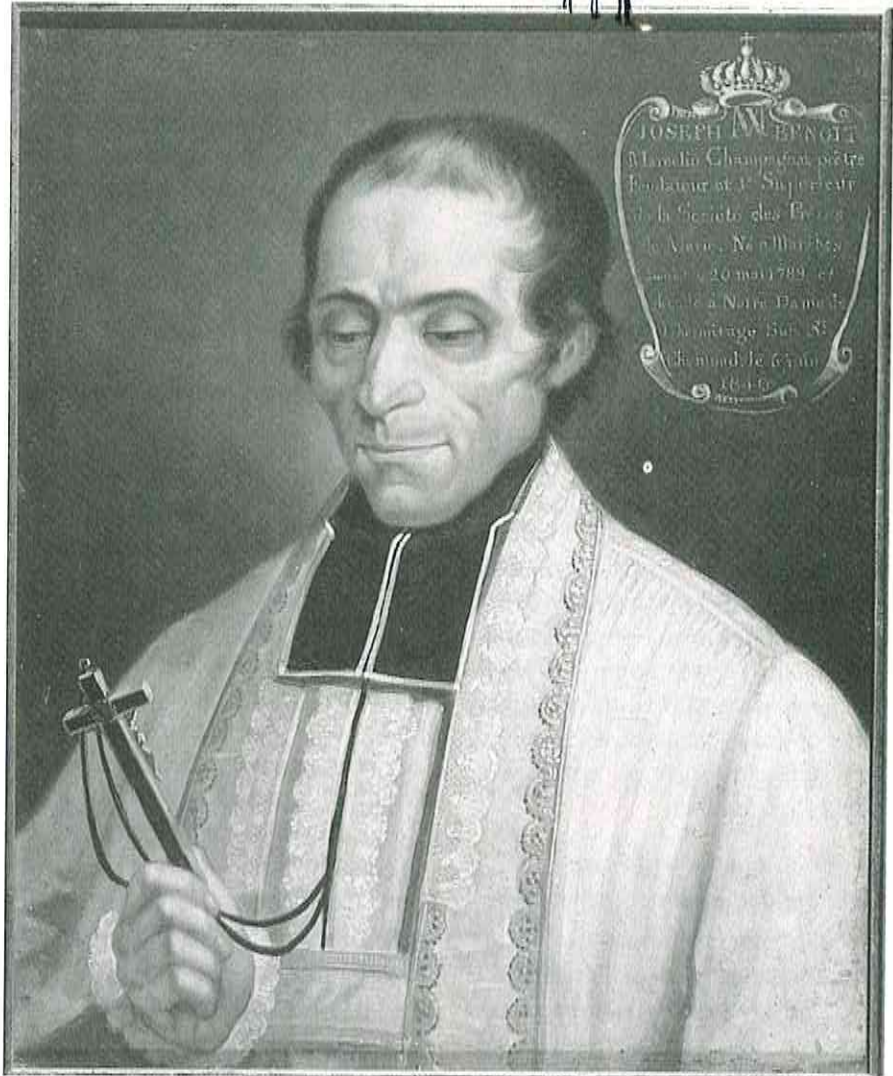
meti ao Padre Coste. Ele as examinou com cuidado, fez-me a crítica e deu-me o método para levar adiante esse trabalho. Segui seus conselhos como aluno aplicado. A seguir, no decorrer dos trabalhos, consultei-o quando apareciam dificuldades. Devo dizer que sempre encontrei nele muita disponibilidade.

Outros Irmãos fazem pesquisas. Existe alguma coordenação nesses trabalhos?

O Conselho geral várias vezes se preocupou com a coordenação do trabalho dos diversos pesquisadores e da colaboração recíproca. Fez com que esses investigadores se reunissem e pusessem em comum os documentos que possuíam. Alguns esforços foram feitos nesse sentido. Mas cada pesquisador continua a trabalhar no próprio veio segundo sua personalidade, preocupações e cada um tem necessidade de ter à mão os instrumentos de trabalho. Nesse campo apenas pode-se aconselhar, mas não impor, pois se correria o risco de fazer perder o impulso.

«Cada pesquisador continua a trabalhar no próprio veio»

O senhor é o arquivista da Congregação. Acha que existe material que não foi ainda trabalhado? Poder-se-ia dizer que tudo já foi vasculhado? Tudo?! Seria um pouco exagerado. Os documentos concernentes ao Padre Champagnat, que a Congregação possui agora, são conhecidos e explorados. Podem ser descobertos alguns alhures, mas no interior, penso que todo o terreno já foi trabalhado. Isso não significa que tudo tenha sido explorado, destrinchado, como o senhor diz. Existem documentos como o «Livro de Contas», os «Cadernos», que ainda não foram estudados de maneira sistemática.



Há Irmãos estudantes que fazem pesquisas sobre o Padre Champagnat. Acha que isso traz grande benefício ao conjunto?

Acredito que sim. O Irmão Pedro Herberos, por exemplo, fez um estudo sobre a Regra do Fundador; o Irmão Volmar Loz se ocupou dos Irmãos coadjutores dos Padres aos quais se misturaram muitos de nossos Irmãos, sobretudo os que partiram para a Oceânia, nos primeiros tempos. Tais estudos com certeza, esclareceram muitas coisas. As pesquisas sobre um assunto, mesmo sem descobrir novidades revolucionárias, trazem luzes. Estudos sistemáticos sobre a educação segundo o Padre Champagnat foram realizados pelos Irmãos Alessandro, Luiz Silveira, Co-

lin e outros... Pode ser que tenham sido esquecidos porque foram realizados há dezenas de anos.

O senhor dizia que tem em mente preparar ainda outros estudos sobre o Padre Champagnat, além das Cartas?

Comecei a redigir alguns textos, mas a questão é de saber como publicá-los porque está no ar o projeto de uma revista na qual tais publicações poderiam achar seu lugar, o que substituiria o livro. Ainda se estuda o assunto.

Pensa que existam cartas do Padre Champagnat perdidas ou que não teriam sido conservadas?

Com certeza existem. O Irmão Balco me tinha posto em contacto com

um padre da região de Lião, cuja família possuía uma carta do Padre Champagnat. Fiz saber a esse padre que nós estaríamos interessados de ter esse escrito, ou uma fotocópia pelo menos. Na ocasião, a carta achava-se num quadro, para impedir que os sobrinhos ou seus descendentes a tivessem colocado no fogo.

Conforme uma circular do Irmão Louis-Marie, o Padre Champagnat teria escrito uma carta de Amettes onde tinha feito uma peregrinação à casa paterna de S. Bento Labre. Tentei recuperar alguma coisa, mas em vão. Parece, pois, que algumas cartas desapareceram. Sabe-se também, que os Irmãos deviam escrever regularmente ao Padre Champagnat. Será que ele sempre respondeu a essas cartas? Nada sabemos. Fazia muitas coisas de viva voz; ia freqüentemente ver os Irmãos nos locais de trabalho.

As cartas que a gente tem, podem dar a conhecer sua personalidade?

Acredito que sim, pelo quanto se revela nessas cartas. Deviam ser para ele um meio de pôr em dia os negócios. Não precisam necessariamente revelar sua pessoa.

O senhor chegou a fazer-se certa imagem do Padre Champagnat. Acha-a reproduzida na iconografia que temos?

O retrato de Ravery, inserido no começo do volume do primeiro tomo das Cartas do Padre Champagnat é o único autêntico. É de se lastimar que tenha sido feito somente após a morte. É absolutamente o único que corresponde à realidade. Imitações tentaram transformar em imagem viva o defunto ali representado. É trabalho da imaginação.

«Não creio que possam ser descobertas pistas novas sobre o P. Champagnat»

Em que campo, pesquisas úteis poderiam ser recomçadas?

Acredito que se pesquisou bastante; não creio que possam ser descobertas pistas novas sobre o Padre Champagnat. Seria aconselhável tentar nova Biografia adotando perspectiva diferente daquela do Irmão João Batista, que é uma perspectiva hagiográfica. Uma biografia em bases históricas e com esclarecimentos psicológicos foi tentada pelo Irmão Stephen Farrell.

Explorou-se o veio «Padre Champagnat», mas não foram deixadas intactas outras terras, do Irmão Francisco, por exemplo, que nos ficam bem desconhecidas?

Não se tenha nenhum receio que o Irmão Francisco permaneça desconhecido. O Irmão Carazo já pesquisou bastante. O Irmão Zind também tinha começado a se ocupar disso. Creio que será feito esse trabalho. O que seria interessante é uma pesquisa sobre os primeiros Irmãos. Os documentos são pouco numerosos. A pesquisa, porém, é difícil.

«Muitas vezes, no estudo do Padre Champagnat, a gente puxa o cobertor para o seu lado»

Penso que o interesse dos Irmãos não é a história em si, mas antes a espiritualidade do Fundador, sua personalidade, seu carisma, etc. Pode-se dissociar o «Padre Champagnat» do «Fundador» visto fora de seu contexto realmente histórico?

Seria necessário começar pelo Padre Champagnat tomado em seu contexto histórico e social, ver como de fato foi a história, e a partir desse campo, tentar compreender as reações do Fundador, não somente o que fez, mas as reações interiores e que se manifestam mais tarde, talvez, em outros acontecimentos e outras ações. Então a gente seria

levada a ver um Padre Champagnat mais humano, o que se procura, o homem! O Padre Champagnat também foi homem, fez eco aos acontecimentos com o coração, com tudo quanto era. É alguma coisa que deve ser feita, e gostaria de realizá-la, mesmo sabendo que poderia ser mal recebida, mal compreendida... podendo suscitar um grito de indignação: Isso não é o Padre Champagnat! A crítica é muito fácil. Mas valeria a pena? Serviria para alguma coisa? Estou convencido de que, muitas vezes, no estudo do Padre Champagnat, a gente puxa o cobertor para o seu lado. Tenta-se compreender conforme está de acordo ou não com a imagem que dele se faz. Querer fazer do Fundador um homem moderno, um homem de hoje? Isso ele não foi! Por exemplo, o Padre Champagnat como superior, como diretor de almas. Dirigiu muito pouco as almas; não quis ser o diretor dos Irmãos, mas seu Superior, seu Pai. Fazer um santo do século XIX com as virtudes umas confrontadas com as outras não tem sentido. O homem não está dividido em compartimentos, é um. Então, as virtudes ficam classificadas por ordem alfabética: isso não tem sentido!

Foi assim que o Irmão João Batista fez?

Sim, assim como era no tempo dele e também na beatificação...

Irmão, o senhor escreveu a biografia do Irmão Carlos Rafael. Gostaria de falar sobre isso?

O Irmão Basílio me pediu para escrever. Nada me inclinava a fazê-lo. Não é porque fui ao enterro e tive oportunidade de falar com um Irmão que o conhecia bem, que a seguir... Se aceitei escrever, foi a título de ensaio. É porque queria escrever a vida do Padre Champagnat. Ainda não tive eco do impacto desta biografia... A publicação acaba de ser feita agora. Não sei se tive êxito.

Estamos às portas do bicentenário. Quais seriam sus desejos, o que conviria fazer sob o ponto de vista de pesquisas?

Devo dizer que o bicentenário não apresenta para mim o estímulo para fazer algo mais ou outra coisa diversa. No meu modo de ver, parece-me que facilmente se aceitam certos aspectos e não outros; diz-se que são coisas do passado; quer-se um Padre Champagnat de nosso tempo. Há certas coisas, certo espírito que estamos prestes a perder, porque nos deixamos levar pela civilização moderna, tenta-se adaptar o Padre Champagnat dentro desta civilização.

Deixar o Padre Champagnat como é, sem transformá-lo, seria a sugestão?

Creio que sim. Não só para os Irmãos, também para outras pessoas; é um assunto pouco conhecido. Eis uma experiência que pude fazer, quando Conselheiro geral, encarregado dos Antigos Alunos, sendo o porta-voz dos mesmos; certamente você não se sente orgulhoso quando lhe lançam em rosto como a Cham: «Na escola não nos disseram o que era o Padre Champagnat; os Irmãos jamais falavam a respeito.»

O livro do Irmão João Batista poderia ser adaptado à mentalidade dos jovens de hoje?

Não vejo porque escrever uma biografia do Padre Champagnat para os jovens... não vejo como fazer, nem o que deveria ser posto em evidência. Não sou capaz de apreciar o que se faz agora.



***«Na escola não nos disseram
o que era o Padre Champagnat;
os Irmãos jamais falavam a respeito»***

Obrigado, Irmão Paul, pelo seu trabalho e por esta entrevista.

«Meu papel foi simplesmente de tornar as fontes acessíveis»

ENTREVISTA COM O IRMÃO AURELIANO BRAMBILA

O Irmão Aureliano Brambila, 50 anos de idade, me recebe na sala de trabalho que possui na Administração geral. Está se preparando para deixar tudo em ordem, antes de partir para o México, seu país de origem. Ele se oferece, com gentileza, para responder às perguntas. O habitual sorriso que sempre traz, contribui para criar um clima de cordialidade e distensão.

Irmão, está se preparando para partir, quanto tempo dedicou às pesquisas Maristas?

Os seis anos que passei na Europa. Antes de vir para cá, sobretudo quando Mestre de noviços, tinha lido diversas vezes a «Biografia» escrita pelo Irmão João Batista, bem como as «Origens Maristas» e algumas cartas do Padre Champagnat. É um assunto que sempre me interessou muito.

Como principiou seu trabalho de pesquisas? Tinha sido convidado para isso?

Esse trabalho foi-me solicitado pelo Irmão Basílio. Nunca me teria atrevi-

do a pedi-lo especialmente porque é necessária uma preparação específica de historiador para essa incumbência, e eu não dispunha disso.

Não sendo historiador de profissão, m que espírito abordou esse trabalho de pesquisa?

Disponha de certa preparação técnica decorrente dos estudos de Química e de Teologia. Lidando com a Química, a gente se habitua à análise, ao método, à procura da verdade. Em Teologia adquire-se a compreensão dos fenômenos do espírito; do que não é ponderável. No tocante ao espírito que me impulsionou, foi o amor ao Padre Champagnat. Este

amor me ajudou a vencer as dificuldades do início: a novidade do trabalho, o afastamento do país, a situação tão diversa daquela de estar com os jovens... Foi o amor ao Padre Champagnat que sempre me motivou.

Tinha alguns objetivos claros desde o começo?

Não muito claros. Meu único fim era o de bem conhecer Marcelino. Minha pergunta era: Onde posso encontrar Marcelino Champagnat? Para responder a esta indagação tive de fazer pesquisas históricas nos arquivos e nos lugares onde Marcelino viveu. Depois, por extensão, procurei nas biografias dos Irmãos, na vida legislativa do Instituto, em tudo que se relaciona com nosso patrimônio espiritual.

Quais foram as principais fontes consultadas?

Em primeiro lugar, li os artigos dos pesquisadores oficiais do Instituto: conhecia algumas publicações do Irmão Balko e do Irmão Gabriel Michel; também os livros do Padre Coste, sobretudo as «Origens Maristas»; algumas obras que me ajudaram a compreender melhor a realidade francesa do início do século XIX; a correspondência recebida de Marcelino. Sem dúvida, as «Cartas do Padre Champagnat», publicadas pelo Irmão Paul Sester, são uma fonte muito rica. Eu as li diversas vezes, analisei-as detalhadamente, procurando penetrar o espírito de Marcelino.

«Foi o amor ao Padre Champagnat que sempre me motivou»



Em 1983, colaborei na preparação das novas Constituições. Tive de fazer uma imersão total na legislação do Instituto, começando pelas Regras primitivas. Esta pesquisa foi também fonte vasta para o conhecimento do espírito Marista.

Falou dos «pesquisadores oficiais». Não se considera um deles, após seis anos de trabalho?

Francamente, não me considero do porte de um Balko, de um Gabriel Michel ou de um Paulo Sester. Quis estudar o Padre Champagnat como não importa qualquer Irmão que disponha de tempo para fazê-lo; nada mais do que isso. Sempre disse aos Irmãos: Sou um Irmão como os demais, ao qual se deram os meios para realizar esse trabalho, embora sem formação técnica ou universitária para tanto. Não sou pesquisador na acepção do termo; mas um entusiasta dos estudos sobre o Padre Champagnat.

**«Não sou pesquisador,
ma um entusiasta
dos estudos
sobre o P. Champagnat»**

Como vê seu trabalho em relação com as outras pesquisas realizadas no Instituto?

Meu trabalho teve orientação especial. Desde o começo, me dei conta da existência de muitas fontes que não foram ainda publicadas; então, tive a idéia de pôr em ordem esses documentos e colocá-los ao alcance dos Irmãos. Meu trabalho, antes do que verdadeira investigação, consistiu em tomar os manuscritos na fonte, transcrevê-los e depois apresentá-los em duas colunas: uma em francês e a outra em espanhol. Minha tarefa foi de facilitar o contacto com as fontes, pensando sobretudo nos Irmãos que queiram fazer estudos especializados sobre o Padre Champagnat.

Seu trabalho não foi apenas de gabinete. Deu cursos e sessões. Quais são suas impressões a esse respeito? De que maneira os Irmãos receberam seu esforço de apresentação das fontes?

Posso dizer que foi o maior encorajamento que tive. No que percebo a atenção dos Irmãos sobre tudo quanto se refere a Marcelino, sinto-me levado a consagrar mais tempo a meu trabalho. É uma grande ajuda, sem dúvida, o fato de ter um grupo que se interessa, que faz perguntas; sinto-me levado a intensificar as pesquisas e a tornar-me mais apto.

Tive contatos com grupos diversos: os Irmãos da terceira idade, os do El Escorial, os grupos de espiritualidade, os estudantes. Em todos encontrei grande receptividade. Por exemplo, há estudantes que fazem teses sobre o Padre Champagnat; o que os interessa são as fontes, não os artigos que já supõem uma interpretação e nisso vejo o sentido de meu trabalho. Sem dúvida, há outros tipos de pesquisas; meu papel foi simplesmente de tornar as fontes acessíveis. Tudo que eu quis fazer foi semear entre os Irmãos o amor ao Padre Champagnat: que cada um se torne um fervoroso pesquisador da vida e da personalidade do Padre Champagnat, conforme o tempo que dispuser.

Nessa ordem de idéias, qual seria um minimum para esse «momento Champagnat» que sugeriu em diversas ocasiões. Poderia explicar mais a esse respeito?

Ao falar com os diversos grupos, dei-me conta que há Irmãos que não se contentam com os conhecimentos sobre o Padre Champagnat que lhes foram dados durante o noviciado. Acho que são insuficientes. Hoje temos muita coisa para ler a seu respeito. Se os Irmãos dedicassem ao Padre Champagnat meia hora ou uma hora por semana, aos domingos, por exemplo, seria um trabalho metódico que lhes permitiria conhecer o Padre Champagnat; esse conhecimento mais profundo aumen-

taria neles o amor e os levaria a trabalhar com maior entusiasmo. A isso denominaria «o momento Champagnat».

Acredita que existe um verdadeiro interesse da parte dos Irmãos para conhecer o Padre Champagnat?

Sem dúvida alguma; e não é somente o amor pela figura de Marcelino como tal, mas um Marcelino que está na origem de toda uma corrente de Irmãos; é um interesse por nosso patrimônio espiritual.

Acredita ter descoberto um novo Marcelino no fim desta etapa?

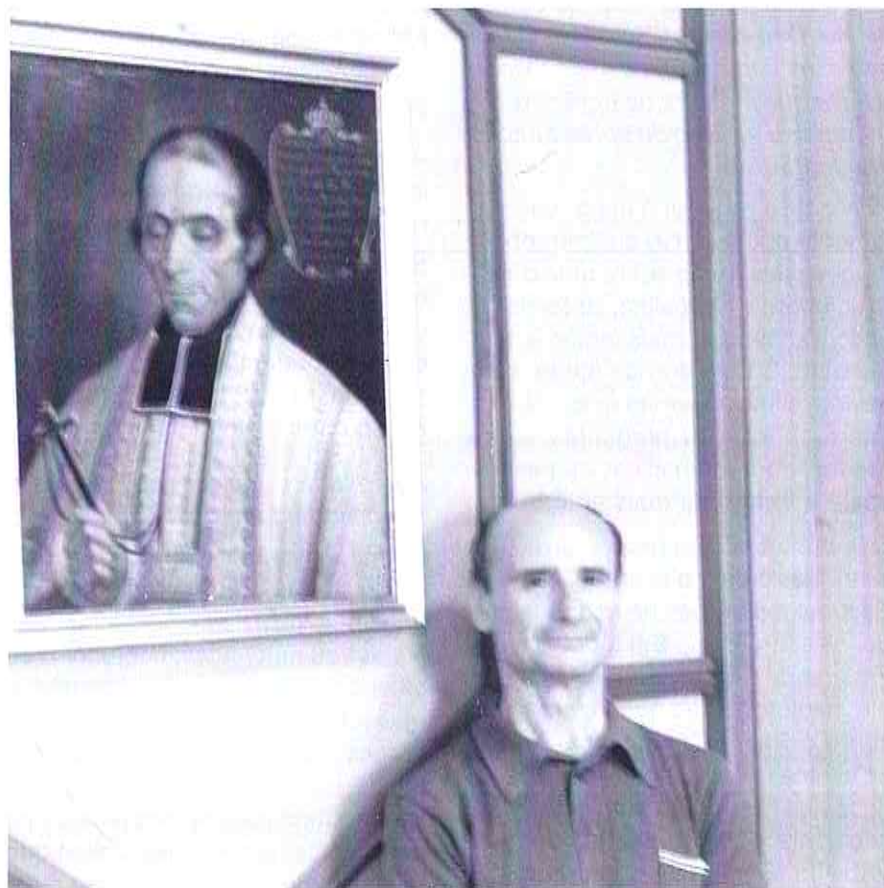
Permita-me uma digressão: a vida religiosa que tinha aprendido a conhecer no noviciado, na década dos 50, sofreu mudanças; contudo, nunca encarei isso como uma tragédia, mas antes como uma evolução que, graças a Deus, não me fez perder minha identidade religiosa. Com o Padre Champagnat houve alguma coisa semelhante. O Marcelino que foi ensinado no noviciado não é essencialmente diferente do que estudei agora. Trata-se de alguém que evoluiu em meu espírito, despojando-o, é verdade, de alguns estereótipos, mas, no fundo é o mesmo. Nunca tive a impressão de ter sido enganado ou induzido em erro.

Irmão, todo esse material que preparou durante tantos anos, será publicado a fim de colocá-lo ao alcance dos Irmãos?

A publicação das fontes que ainda não foram divulgadas é, sem dúvida, um de meus sonhos. Já preparei um catálogo dos documentos publicados, indicando onde podem ser encontrados. Tudo que ainda é inédito foi registrado e está pronto para a publicação. Não sei quem o fará, mas gostaria muito que essas fontes fossem colocadas à disposição dos Irmãos.

Sempre trabalhou aqui em Roma?

No início, fiquei três anos na comunidade de acolhida de Notre Dame de l'Hermitage; combinava meu tra-



balho de pesquisa com o da acolhida aos diversos grupos. A partir de 1985 instalei uma base de operações em Roma. Se me desloco é para dar cursos ou sessões.

«Com nove horas diárias, durante os seis anos, existe meio de realizar alguma coisa»

Irmão, o trabalho de pesquisa requer muita concentração e organização. Poderia falar do ritmo diário de trabalho?

No começo, foi necessário ler muito, tomar notas e transcrever documentos; isso me tomava oito horas e meia a nove horas cada dia. Quando trabalhava na comissão de preparação das Constituições, apenas me sobrava uma hora cada dia para rebuscar nos arquivos. Não creio que

se possa falar em parênteses; estudei a legislação do Instituto e creio que as Constituições são como a flor que nasceu da grande árvore do patrimônio espiritual do Instituto. Aí tem meu ritmo, com nove horas diárias, durante os seis anos, existe meio de realizar alguma coisa.

Eis uma pergunta mais pessoal: O contato tão freqüente e prolongado com o Padre Champagnat, teve como resultado o de ter criado no senhor certa identificação com Marcelino?

Creio que sim. Agora, quando releio as cartas que lhe foram escritas, cheias de problemas, de queixas, sinto como se fossem dirigidas a mim. Sinto crescer minha admiração por esse homem que não deixou de amar mesmo quando foi tratado de maneira dura. Muitas cartas endereçadas ao Padre Champagnat são bastante rudes, mesmo algumas que chegaram dos Irmãos, dos bispos, dos vigários e dos prefeitos. E admiro ainda mais esse homem que con-

tinuava a sorrir, que não se deixava vencer pela acrimônia. Mais o tempo escorre, mais fico fascinado pelo quadro do Padre Champagnat defunto, que está em Roma, na capela dos Superiores. Compreendo melhor esse homem que dizia que não vivia senão para seus Irmãos, que se doava totalmente a eles até a morte, que lhe sobreveio aos 51 anos. Um homem que, apesar do sofrimento, morreu cheio de amor para com os Irmãos. É nesse sentido que a figura de Marcelino me seduz cada vez mais.

«A figura de Marcelino me seduz cada vez mais»

Sim, sem dúvida, sinto crescer em mim o amor por Marcelino, e pelo fato mesmo, o amor para com os Irmãos, que são os preferidos de Marcelino. Uma relação de simpatia se desenvolveu. Ao ler as cartas de Marcelino, adivinho o que pretende dizer, imagino o tom de sua voz; seus erros de ortografia não me espantam. É como uma identificação, como uma compreensão simpática do Padre Champagnat.

Uma experiência realmente profunda durante seis anos. E agora, Irmão, que irá fazer?

Regresso ao México. Em minha província criou-se, há três anos, um centro de espiritualidade para a formação permanente dos Irmãos. Queremos que, cada dez anos, os Irmãos parem seu trabalho para terem um ano de reflexão, de refontização espiritual da vida religiosa marista. Fui encarregado de dirigir esse centro, isto é, de acolher os Irmãos, de estudar com eles a espiritualidade marista, as Constituições, a teologia da vida religiosa.

Obrigado, Irmão Aureliano, que o Senhor abençoe sua nova missão.

Consideráveis trabalhos sobre os Institutos dos Irmãos ensinantes

DEPOIMENTO A RESPEITO DO IRMÃO PIERRI ZIND

Nascido em Wintzenheim, em maio de 1923, a infância de Pierri Zind, passou-se no seio de família exemplar, em atmosfera de carinho, de alegria e de um pouco de turbulência no meio dos irmãos e da irmã. Gostava de recordar muitas vezes aqueles anos felizes. Aos 12 anos, deixa a família e ingressa no Juvenato dos Irmãos Maristas. Fora precedido por um dos tios. A vivacidade de espírito chega a surpreender os mestres do rapazinho que os põe diante de diversas e de inesperadas perguntas.



Aos 16 anos, consagra-se inteiramente a Deus no Instituto dos Irmãos Maristas. Respondeu a um apelo, escolheu sua via e não se desviará mais. Aos 20 anos, principia a lecionar. Os alunos da 6.^a série ficam maravilhados de possuir um professor que sabe tantas coisas, lhes fala, com entusiasmo, dos Egípcios, Gregos e Romanos, lhes explica as sinfonias de Beethoven, os compreende e sabe colocar a turma em ambiente de trabalho e de sadia emulação, de permeio à alegria de viver. Tem o carisma do educador. Conquista a licenciatura e prepara-se para um diploma de estudos superiores. Dotado com memória extraordinária, com prodigiosa capacidade de trabalho e com uma tenacidade de «alsaciano», principia as pesquisas e passa as férias nos Arquivos do Loire, do Ródano, na Biblioteca Nacional e na Vaticana. O trabalho apresentado para obter o diploma de estudos superiores já tem o perfil de

uma tese. Começa a trabalhar visando um doutorado na Escola Oficial. São doze anos de pesquisas, de trabalho ferrenho que leva adiante ao mesmo tempo que atende ao magistério em tempo integral. E aparecerá sua tese monumental, em três grossos volumes. A bibliografia, que só ela ocupa um tomo, dá idéia do tamanho das pesquisas realizadas. Depois disso, a Universidade lhe abre as portas e durante dezassete anos, ensinará, orientará os trabalhos dos estudantes, participará das bancas examinadoras de teses com competência, disponibilidade e dedicação altamente apreciadas.

Além disso, conserva seu lugar de ensino nas turmas finalistas do Liceu Ozanam, em Mâcon. Publica livros, artigos, estudos. Nas Ciências da Educação adquire notoriedade que ultrapassará as fronteiras, e é convidado a participar em numerosos congressos internacionais. E por que

não mencionar os consideráveis trabalhos que levou a cabo sobre os Institutos dos Irmãos Ensinantes, especialmente do nosso? Fica-se estupefato ao constatar que tantas publicações possam ter sido realizadas por um homem só.

Depois veio a provação, tanto mais rude quanto inesperada e injustificada. No cuidado que pôs para apaziguar as coisas, soube calar o ardente e temível polemista que havia dentro dele. Profundamente afetado, não foi visto nem revoltado, nem vingativo ou azedo. Recuperada a serenidade, pôs-se ao trabalho com o ardor costumeiro.

Um temperamento de ferro e fogo, de rigor e entusiasmo: assim aparecia o Irmão Zind. Não era tarefa fácil conseguir que mudasse de parecer. Adentrava na vida dando pouca importância às contingências, porque tinha purificado a alma das mes-

quinharias que ofendem as pessoas. Nada de homem feito em série, produto de uma semicultura que incita à vaidade e desterra as raízes do bom senso. Erudito notável, era simples, de convivência amável, alegre, nunca ostentando diplomas, títulos, funções e relações.

Soube preservar o frescor de uma alma franciscana que o fazia maravilhar-se e vibrar sem cessar em face do Bem, do Belo e do Verdadeiro. Dotado de muita dose de originalidade, não provocava melancolia. Palestrante inesgotável e incorrigível, gostando de jogar com os paradoxos, abusando mesmo às vezes, sabia aceitar críticas, contradições e concedia com generosidade perdão às ofensas.

O Irmão Zind foi toda a vida religioso exemplar, de fidelidade indefectível

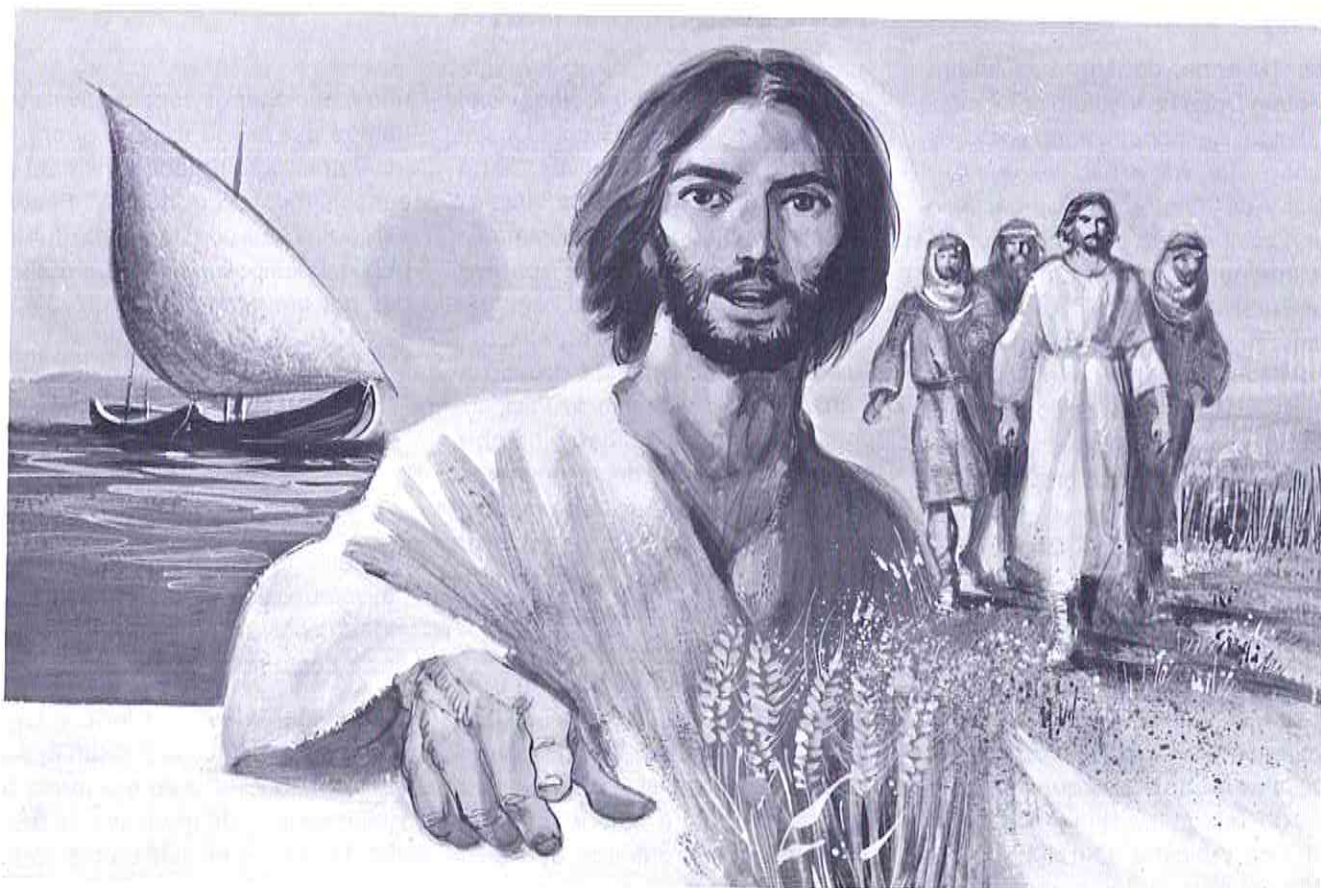
*Um temperamento de ferro e fogo,
de rigor e entusiasmo*

aos compromissos, inclusive ao traje religioso. No longo contacto com Marcelino Champagnat, impregnou-se do espírito do Fundador e o viveu em profundidade. E foi a pedido insistente dos Irmãos do Brasil que ele empreendeu —embora alérgico às viagens— esse deslocamento enorme para falar de Marcelino Champagnat.

Foi no Brasil que a morte marcou o lugar de encontro. Se houve alguém que nunca dramatizou a morte, foi exatamente o Irmão Pierri. Para ele, não era questão de acrescentar anos

à vida, mas vida aos anos, o que fez de maneira superabundante. Assim como o Sábio, considerava a morte um ato da vida e como Cristo, uma passagem. Ao chegar a tarde, Jesus disse: «Passemos à outra margem.» Sem dúvida alguma, na outra beirada, o Irmão Zind foi aguardado pelo Bem-aventurado Champagnat e pela coorte de seus primeiros discípulos para o conduziram em demanda das moradas eternas.

Fr. Alfred Perret
«Présence Mariste»,
n.º 176, 1988



O empenho em tornar Maria mais conhecida e amada

IRMÃO ALEIXO MARIA AUTRAN (1930-1988)
SORRIDENTE, A CAMINHO DO CÉU

Mais um valente batalhador pelo Reino de Deus e pelas glórias de Maria acaba de tombar em meio às lides do campo apostólico. Trata-se do nosso Irmão Aleixo Maria Autran que o Senhor da Messe, dando-se por satisfeito com os trabalhos cumpridos por seu fiel operário, chamou ao descanso eterno: «Vem, servo bom e fiel, vem tomar posse da coroa que te está reservada!»

Era noite de 7 para 8 de julho, quando o telefone da Casa Provincial de Belo Horizonte chamou pelo Irmão Gentil Paganotto. Voz de Dr. Arnaldo Ribeiro que acabava de receber de Alta Floresta, MT, diocese de Sinop, a trágica notícia.

O Irmão Aleixo tinha chegado de Fortaleza e, na tarde do dia 7 dera início a um Retiro para Coordenadores de Pastoral Diocesana. Após a introdução, continuou a entreter-se com um jovem sacerdote nissei, vigário de Alta Floresta, muito amigo seu, encaminhado que fora pelo Irmão Aleixo nos primórdios de sua carreira sacerdotal.

Poucas horas antes, o nosso querido falecido tinha tido qualquer distúrbio ao qual não deu maior importância. A conversa ia animada, pois já se tinham passado dez anos de afastamento dos dois amigos. Eis senão quando, a uma pergunta do Padre Kio (não sei se é bem este o seu nome), o Irmão nada respondeu. Começou a inclinar-se da cadeira abaixo, como para cair. Amparado pelo Padre, constatou-se logo a gravidade do ataque.

Colapso cardíaco fulminante. O médico chamado às pressas só pôde constatar que já estava morto. Eram 11 horas da noite, correspondendo a pouco mais de meia-noite aqui em

Belo Horizonte, visto a diferença de fusos horários.

Foi um cruzar de telefonemas ininterruptos, pelo resto da noite a dentro e na manhã do dia 8, no sentido de



dar providências para o transporte do corpo para Mendes.

Alta Floresta é região de garimpo, por isso não foi difícil contratar um pequeno avião monomotor que se prontificou a fazer o transporte até Goiânia, onde se fez o traslado para um bimotor que completou a viagem de Goiânia ao Rio. Pela tardinha do dia 8 uma funcionária do Rio de Janeiro faria chegar os restos mortais do nosso pranteado coirmão.

Mas, assim tão de repente?... Porque uma morte inesperada no pleno vigor da idade? 58 anos, um mês e um dia!

Não nos cabe perguntar a Deus o porquê: Ele não o chamou para a morte, e sim para a recompensa. O chamado de Deus é cheio de misericórdia e carinho: Vem, servo bom e fiel!

- Devotíssimo de Nossa Senhora, cujo nome incorporou ao seu, já desde os tempos de jovem professor comprazia-se em fomentar associações de devoção a Maria entre os coirmãos; desde então ocupava seus tempos livres em reformar o Catecismo Mariano. Compôs orações e fórmulas de consagração a Nossa Senhora, insistindo sempre na orientação: «Maria nos leva a Jesus, A Jesus por Maria!

***Chamado a falar
sobre Nossa Senhora,
não media esforços***

- Mariólogo profundo, tinha resposta pronta, firme e segura sobre qualquer assunto referente ao culto mariano. Chamado a falar sobre Nossa Senhora, não media esforços; estendeu até para fora das fronteiras da Pátria o empenho em tornar Maria mais conhecida e amada.
- Embora dotado pela natureza de temperamento forte e por vezes até ríspido, esquecia com incrível facilidade toda e qualquer pendência ou discordância com as pessoas de sua convivência.
- Na manhã do dia 9, Festa de Nossa Senhora da Paz, após a Missa de Funerais na Capela da Casa de



Mendes, uma grande procissão se dirigiu à Colina de Santa Cruz, onde repousam os Irmãos que nos precederam na caminhada para o Pai. Estavam presentes muitos Irmãos, representando as seis Províncias brasileiras, sua mana Rosalba, religiosa salesiana, vários outros familiares, jovens Oasistas, ex-alunos e amigos e representantes da Família Marista. Todos se emocionaram profundamente com os depoimentos que se fizeram ouvir.

Ao canto da Salve Rainha, o caixão com os restos mortais do Irmão Aleixo Maria Autran baixou à terra, na firme esperança que a BOA MÃE o leve a ver Jesus, na Pátria definitiva.

Querido e pranteado Irmão Aleixo, você que exerceu grande influência sobre os jovens e orientou dezenas e dezenas deles nos caminhos da devoção a Maria, no seguimento a Jesus Cristo na vocação religiosa ou sacerdotal; você que explorou a fundo os tesouros da devoção a Maria, na sua mais lídima expressão, você que foi dotado de eloquência persuasiva, fluente, inexaurível, no que respeita à exposição da doutrina marial, do céu roga por nós e por nossas vocações, pede a Maria e ao Padre Champagnat para que nos alcancem de Deus apóstolos dinâmicos e esclarecidos como você que viveu 58 anos de riquíssimas realizações e de bons exemplos para todos seus coirmãos e para a Igreja do Brasil.

Ir. Sulpício José
«Encontro». Boletim
da Província marista de São Paulo

A VIDA DO INSTITUTO

SESSÃO PARA OS RESPONSÁVEIS DE POSTULANTES

(Nairobi, Quênia, agosto-setembro 1988)

Organizada pela Comissão de Formação do Conselho geral

Coordenador: Irmão Powell Prieur, C.G.

Animadores: Irmão Denis Hever (Estados Unidos)

Irmão Eugene Dwyer (Austrália)

Participantes. Vinte e cinco Irmãos



IRMÃOS PARTICIPANTES

Fergus Garrett (Fidji); Hans Seubert (Kenya); Rustico S. Lumbo (Philippines); Tim Metcalfe (Nouvelle Zélande); Michael O'Hara (Kenya); Théoneste Kalisa (Kenya); Leo N. Nwaiqwe (Kenya); Linus Agba (Nigeria); Sergio Vázquez (Ghana); Eugène Kabanguka (Rwanda); Jean-Baptiste Tamessuien (Cameroun); Powell Prieur, C. G.; Manuel R. Villalobos (Mozambique); Georges Palandre (Rép. Centrafricaine); Floribert Ngelema (Zaire); Alfredo Herrera (Corée); Denis Hever (USA); Lucien Labelle (Zimbabwe); Guy Lachance (Malawi); Joseph Peiris (Sri Lanka); Norbert Razakamady (Madagascar); Gustave Freches (Zaire); L. M. A. Jeyaraj (Inde); Martin Palmer (Cameroun); Joseph Sirimal (Sri Lanka); Eugene Dwyer (Australie).

Absents: Miguel A. Isla (Côte d'Ivoire); James Langlois (Zimbabwe).

A vida do Instituto

Ao apresentar as Constituições ao Instituto, o Superior geral disse:

«Um pronto de chegada, após longa caminhada iniciada, vinte anos faz, quando a Igreja do Vaticano II pedia a todas as famílias religiosas que revissem seus livros formativos, a fim de tornar o conteúdo mais conforme ao espírito do Concílio e ao dos Fundadores.»

E nas Constituições revisadas, lemos o seguinte:

«A vitalidade de nossa família religiosa e a fidelidade a sua missão dependem, em grande parte, da formação de seus membros» (*Artigo 95*).

A partir de 1985, os Irmãos em todos os níveis do Instituto tornaram-se cada vez mais conscientes dos objetivos reais do último Capítulo geral, sendo um deles a formação de nossos candidatos.

Se recordarmos alguns documentos que foram publicados e alguns acontecimentos importantes que tiveram lugar em nossa Congregação nos últimos três anos, logo perceberemos que existe crescente percepção da importância da formação em nosso Instituto.

- o Guia de Formação, maio de 1986;
- a realização do projeto MIC, setembro de 1986;
- a reunião dos Mestres de noviços em Nairobi, 1987;
- a Circular sobre a Pastoral Vocacional, em 1987;
- a visita de dois Conselheiros gerais às Casas de formação na África e em Madagascar, a fim de assessorar os que trabalham nessas Casas e ao mesmo tempo estudar as dificuldades enfrentadas pelos formadores em tão vastas regiões, 1987.

Foi logo depois dos três meses de visitas pelos Irmãos Philip Ouellete e Powell Prieur que o curso atual foi sugerido como meio de ajudar os formadores em sua tarefa difícil. Realmente esse curso foi a maior conferência regional, baseado explicitamente no Guia de Formação. Esperamos que a ênfase colocada na formação trará frutos para todo o Instituto.

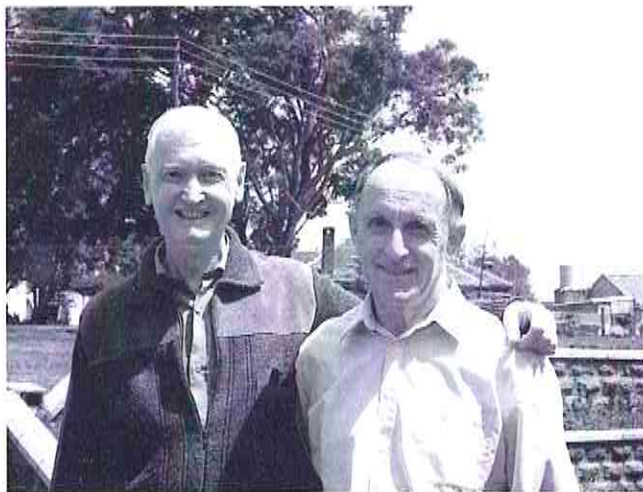
Foi em vista deste curso que, no fim de julho e começo de agosto, mais de vinte e cinco Irmãos provindos de mais de vinte países diversos dos cinco continentes foram a Nairobi. A maioria dos Irmãos eram da África e de Madagascar, mas alguns provinham do Sri Lanka, da Índia, das Filipinas, de Fiji e da Coréia, ao passo que os conferencistas: Irmão Eugene Dwyer se deslocava da Austrália e o Irmão Hever dos Estados Unidos, o Irmão James Langlois do Zimbaue e o Irmão Powell Prieur, coordenador do curso, vinha de Roma.

O curso foi organizado para estudar o Guia de Formação, especialmente naquelas partes relacionadas com as etapas do pré-noviçado que tratam dos elementos antropológi-

cos, espirituais e doutrinários da formação. Foi realmente muito enriquecedor ter a presença dos Irmãos que redigiram o Guia para dar o curso.

Não sabemos quais os motivos da escolha do MIC (Marist International Centre) como sede do curso, mas a escolha por si mesma demonstrou ser fator importante que contribuiu para o andamento suave dos estudos e também para o estabelecimento de um clima muito favorável. Com efeito, para nós formadores bem como para os residentes do MIC, essa reunião desenvolveu em todos certa ufania de pertencer aos Irmãos Maristas. Além disso, o que sabemos serem as características do espírito Marista encontram-se na vida diária do Centro: hospitalidade, alegria, disponibilidade, amabilidade, amor ao trabalho manual, espírito de oração, espírito de família manifestado de tantas maneiras, especialmente em algumas ocasiões importantes como o 15 de agosto, os aniversários dos Irmãos Eugene Dwyer e Luis Sobrado, o espírito de serviço, o cuidado solícito para com os Irmãos doentes. A presença dos Superiores das Províncias, Distritos e Setores, durante alguns dias, para seu encontro anual acrescentou alguma coisa a mais ao sentimento de pertença a uma grande família, espécie de «família prolongada».

Além de estudar e viver os elementos de formação, também aprendemos a importância que se deve dar aos de caráter antropológico. Foi muito esclarecedor observarem-se poucas diferenças entre os Irmãos Maristas provindos de tantos países e variados antecedentes culturais. Comprova-se que o espírito marista não tem fronteiras, ou limitações geográficas e culturais. Descobrimos que pode haver real identidade marista em toda parte com a condição de que se procure formar o Irmão Marista. Cuidemos de misturar de modo conveniente os traços principais do espírito marista com os elementos locais de onde



Os Irmãos Martin Palmer (Camarões) e Gustavo Freches (Zaire) celebraram as Bodas de Oiro durante a sessão.

proviemos. Não temos a pretensão de sermos Irmãos Maristas ideais, mas, com toda a humildade, podemos admitir que descobrimos traços que formam nossa identidade. Acredito sinceramente que é esse fator que nos permite não apenas vivermos juntos, mas trabalharmos juntos com o objetivo de aprender como podemos formar melhor o verdadeiro religioso marista.

Outro aspecto da formação que todos consideramos importante, que tentamos estudar e praticar foi o acompanhamento, especialmente através de entrevistas regulares. Aqui também, aprendemos pela teoria e pela prática. Todos os conferencistas insistiram na importância do acompanhamento em nosso trabalho, e observamos que suas convicções não apenas foram expressas em palavras, mas em fatos. Todos sabemos que o Irmão Luis tem um trabalho sobrecarregado com o acompanhamento de mais de quarenta Irmãos que estão no Centro. Também reconhecemos quanto devemos ao Irmão Eugene, ao nos ajudar para nos conhecermos melhor, a fim de poder acompanhar os outros com maior eficiência. Conseguimos tudo isto com testes sadios, longas e bem preparadas entrevistas bem como conferências úteis sobre tarefa tão delicada e difícil. Quando chegamos à iniciação à oração e na conservação de um diário, recebemos a mesma ajuda individual através dos Irmãos Denis e James. Poderíamos acrescentar aqui outro aspecto da ajuda individual que os Irmãos deram uns aos outros. Acredito que houve muita ajuda dessa espécie, de modo especial na última semana, quando todos estávamos preparando o plano de formação para os postulantes de nossos países.

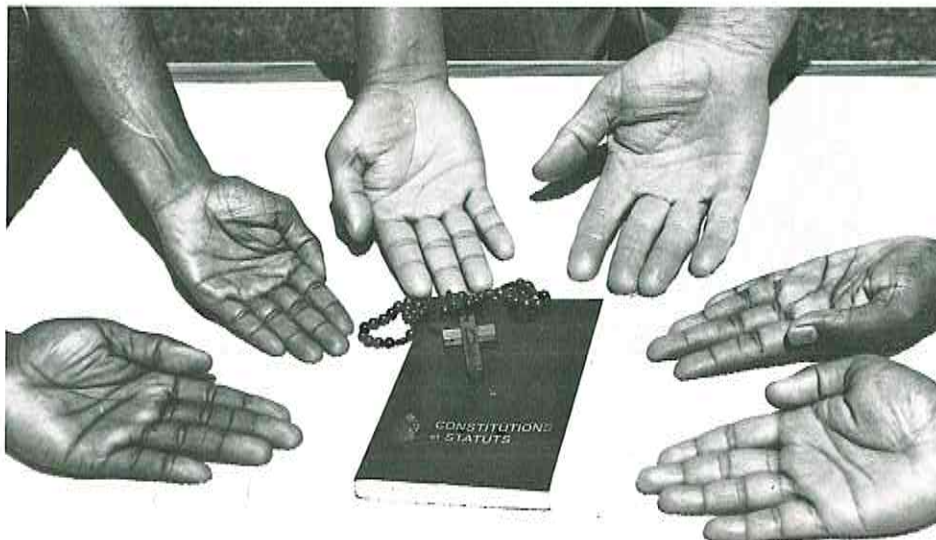
Gostaria de concluir acrescentando alguns comentários sobre a atmosfera espiritual que existiu durante todo o curso. Já falamos a respeito de nossa espiritualidade, da edu-

cação da fé, dos elementos maristas da formação, mas aqui gostaria de sublinhar o papel de toda a comunidade que vive no MIC para criar essa atmosfera espiritual. Embora os participantes usualmente rezassem em seu grupo lingüístico, tivemos muitas oportunidades de compartilhar as orações, liturgias, etc... seja nas moradias ou na grande capela e somos gratos aos Irmãos do MIC porque deles aprendemos a experiência de animar as celebrações. Gostaríamos de expressar nosso reconhecimento também à disponibilidade do Padre Robert Barber. Para a maioria de nós foi a primeira vez que tivemos um Padre Marista como capelão, apreciamos muito seus préstimos e amizade fraternal.

Nessa atmosfera de oração que existiu ao longo de todo o curso, compreendemos melhor os ensinamentos do Guia, no que se refere aos agentes principais em qualquer forma de trabalho vocacional. O salmo 126 «Nisi Dominus...» que tanto significava para o Fundador, tornou-se uma espécie de refrão que nos deveria acompanhar ao retornarmos às nossas atividades normais. Tivemos a sorte de termos sido escolhidos como colaboradores dos principais agentes de formação: O Espírito Santo, Maria e Marcelino Champagnat. Embora possamos ser valiosos, sob muitas formas, devemos recordar que apenas somos *instrumentos de Deus* na tarefa da formação.

Depois de ter aproveitado tanto desta grande experiência, gostaríamos de expressar nossa gratidão para como todos aqueles que contribuíram na organização e do desenrolar do curso, de modo especial, os Irmãos Powell Prieur, C. G., Eugene Dwyer, Denis Hever, James Langlois e Luis Sobrado.

Ir. Lucien Labelle
(Zimbaue)



VISITA DO IR. CHARLES HOWARD AOS IRMÃOS DA CHINA



*Os Irmãos junto com o Ir. Charles em Beijing (Pequim).
Da esquerda: Irs. Norberto, Clemente, Celestino, Bosco,
Francisco, Carlos, Damião, Emílio-Francisco, Aristonico.*



*Celebrando o aniversário do Irmão Carlos em Xangai.
Da esquerda: Irs. Bosco, Carlos, Régis e Gregório.*



Peregrinação com todos os Irmãos, ao Cemitério Católico de Beijing (Pequim) onde jazem os restos mortais dos Irmãos.



O Irmão Bernardino veio da Mongólia para encontrar-se com o Ir. Charles. Sua sobrinha está cantando em latim a Salve Regina e o Veni Creator Spiritus.



O Irmão Bosco em frente à Escola São Francisco Xavier, fundada em 1884.



*O Irmão Damião,
Diretor da Escola Xian-be,
começada em 1985.*



Partida do aeroporto de Beijing (Pequim).

ESTE MATERIAL É ESTRITAMENTE RESERVADO PARA OS IRMÃOS

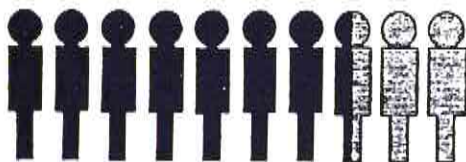
PERFIL DO IRMÃO MARISTA QUE DESEJAMOS FORMAR HOJE NA AMÉRICA LATINA

Encontro de Cáli (Colômbia), setembro 1987

Consagrado como religioso	<i>Um Irmão que assume com alegria e esperança sua consagração a Deus e ao Reino, em castidade, pobreza e obediência, conforme as Constituições, como um valor absoluto e como um dom definitivo, vividos em comunidade (C. 3, 13).</i>
vive a experiência de Deus	<i>Um Irmão que, a exemplo de Maria e Champagnat, vive a experiência de Deus em contato com a Palavra e com a Eucaristia, na vida fraterna e na oração, na cruz e na esperança de cada dia, na presença evangelizadora entre as crianças e os jovens, e nos acontecimentos dolorosos do povo (C. 66, 67, 68).</i>
do jeito de Maria e Champagnat	<i>Um Irmão identificado com o Padre Champagnat:</i> <ul style="list-style-type: none">• comprometido na missão evangelizadora de libertação através da educação cristã das crianças e jovens, preferencialmente dos mais necessitados;• zeloso de sua vocação de catequista e cheio de entusiasmo por anunciar a Jesus Cristo e por fazê-lo crescer nos corações;• do jeito de Maria: simples, acolhedor, fraterno e solidário como o povo e seus valores (C. 2, 81, 84).
com uma espiritualidade marial	<i>Um Irmão que vive a espiritualidade apostólica, inspirado nas atitudes de Maria, que se empenha em torná-la conhecida e amada como caminho que leva a Jesus; que sintoniza com a devoção marial dos povos latino-americanos e que assume participar da maternidade espiritual de Maria sendo prolongamento de sua presença entre as crianças e jovens. (C. 7, 84, 86).</i>
preocupado com a continuidade vocacional	<i>Um Irmão preocupado com a continuidade vocacional marista e que enriquece, compartilha e irradia com alegria, o dom herdado dos Irmãos que nos precederam (C. 94, 165).</i>
em comunhão com a Igreja	<i>Um Irmão capaz de viver em comunhão com a Igreja particular e universal; de assumir as orientações da Igreja latino-americana em sua opção preferencial pelos jovens e pelos pobres; de sentir-se povo de Deus e capaz de amá-la, apesar de suas imperfeições (C. 10, 35).</i>
opta pelo pobre	<i>Um Irmão identificado com o sofrimento de seu povo, capaz de optar pelos pobres, de compartilhar de sua vida e deixar-se evangelizar por eles (C. 34).</i>
adapta-se à cultura local	<i>Um Irmão capaz de adaptar-se às culturas locais e encarnar o carisma no contexto de um povo que tem sua cultura e sua história (C. 91).</i>
com senso crítico	<i>Um Irmão com senso crítico, capaz de analisar a realidade a partir do Evangelho e propor respostas adequadas (C. 88).</i>
sendo agente da própria formação	<i>Um Irmão, agente da própria formação, que assume seu compromisso de crescer constantemente na dimensão pessoal e comunitária, seguindo o Cristo (C. 110).</i>
com personalidade integrada	<i>Um Irmão com uma personalidade integrada: autônomo e ao mesmo tempo colaborador e comunitário, consciente de suas motivações, capaz de aceitar-se com suas limitações e falhas, capaz de viver oblativamente sua sexualidade e sua afetividade, alegre e aberto à amizade (C. 24, 26, 51).</i>
Irmão entre as crianças e os jovens	<i>Um Irmão que se identifica como tal, sintonizando com o mundo das crianças e dos jovens, com paciência para acompanhá-los em seu ritmo de crescimento, com amor desinteressado para superar os fracassos e, com entusiasmo para suscitar neles razões de esperança e motivos de compromisso cristão (C. 3, 83).</i>

ESTATÍSTICAS

1. OS POBRES



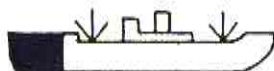
constituem 70 % da humanidade



consomem
15 % da energia

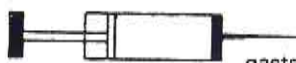
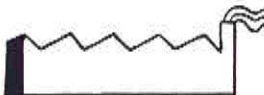


30 % dos cereais



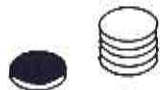
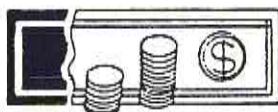
obtêm 18 %
dos lucros no comércio

possuem 8 %
da indústria



gastam 6 % com a saúde

possuem 17 %
do PNB



Em 1900, na média, uma pessoa do mundo rico tinha quatro vezes mais do que uma pessoa do mundo pobre.

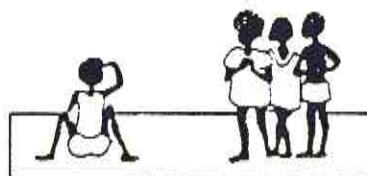


Em 1970 a relação tinha mudado de 40 por 1.

1 000 000 000



Perto de 1 000 milhões de crianças
vivem em países onde:



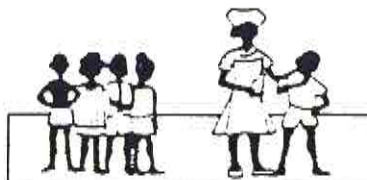
um criança sobre quatro
padece fome



dois sobre cinco
não têm escola



quatro sobre cinco vivem em zonas
rurais sem água potável



quatro sobre cinco não têm
cuidados médicos.

Fonte: Comissão Episcopal de Missões, Madrid, 1987.

DADOS DE DEMOGRAFIA E RELIGIÃO NA AMÉRICA LATINA

PAÍSES	População (1987)	% <i>Densidade</i>	% <i>Urbana</i>	% <i>Rural</i>	Ingressos per cápita	Religião		
	<i>Total</i>					Crist. %	Catól. %	Prot. %
Argentina	31 497 000	10,8	83	17	2 070	96,0	90,0	6,0
Bolívia	6 730 000	5,9	43	57	600	94,8	92,5	2,3
Brasil	141 452 000	15,3	71	29	2 220	—	88,8	—
Colômbia	29 942 000	28,3	66	34	1 500	97,6	96,6	0,9
Costa Rica	2 734 000	48,1	45	45	1 400	98,0	90,5	—
Chile	12 416 000	16,3	86	18	—	92,3	82,1	9,5
Equador	9 923 000	33,8	46	54	1 400	98,3	96,4	1,9
El Salvador	4 934 000	248,7	48	52	720	—	90,7	—
Guatemala	8 434 000	77,2	44	56	1 200	94,3	89,4	4,9
Honduras	4 654 000	39,0	37	63	—	95,0	80,0	15,0
México	82 966 000	40,1	70	30	2 240	93,0	89,4	3,6
Nicarágua	3 501 000	23,9	70	30	730	99,3	94,7	4,4
Panamá	2 274 000	28,3	53	47	1 920	91,8	85,0	4,7
Paraguai	3 897 000	8,5	76	24	1 630	98,3	96,0	1,8
Peru	20 727 000	15,3	65	35	1 040	98,0	95,0	2,7
Uruguai	3 057 000	16,7	63	37	2 490	—	81,5	—
Venezuela	18 272 000	18,1	85	15	4 220	—	90,9	—



ÍNDICES DE ANALFABETISMO NOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

PAÍSES	1960	1970	1980	1985
	%	%	%	%
Argentina	8,6	7,4	6,1	5,5
Bolívia	61,2	46,5	28,8	25,8
Brasil	39,7	22,8	25,5	22,3
Colômbia	27,1	19,2	14,8	11,9
Costa Rica	15,6	11,6	8,0	6,4
Chile	16,4	11,0	7,0	5,6
Equador	32,5	27,5	22,5	17,6
El Salvador	51,0	42,9	35,0	27,9
Guatemala	62,2	54,0	44,2	45,0
Honduras	55,0	43,1	38,0	40,5
México	34,5	25,8	16,0	9,7
Nicaragua	50,0	42,5	37,0	—
Panamá	23,2	18,7	12,9	11,8
Paraguai	25,5	19,9	16,0	11,8
Peru	38,9	27,5	17,4	15,2
Uruguai	9,5	6,1	5,7	—
Venezuela	37,3	23,5	13,5	13,1

Fonte: UNESCO. Anuário Estatístico, 1985.

NÚMEROS ABSOLUTOS: A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

PAÍSES	População	Católicos	Sac. dioc.	Sac. rel.	Relig. m.	Relig. f.
Argentina	31 027 544	28 869 985	2 717	2 556	4 306	12 001
Bolívia	6 825 982	6 389 871	212	590	891	1 694
Brasil	135 806 967	120 624 986	12 528	6 857	12 142	36 239
Chile	12 402 198	10 307 770	794	1 299	2 035	5 150
Colômbia	33 689 085	31 895	3 273	1 915	3 367	17 008
Costa Rica	2 544 750	2 295 039	281	195	387	917
Cuba	10 416 000	4 098 000	115	81	111	244
Equador	8 534 838	7 861 075	826	801	1 256	3 670
El Salvador	4 758 765	4 317 325	174	152	248	924
Guatemala	6 698 000	5 922 500	209	451	738	1 069
Haiti	7 012 422	5 392 316	242	195	464	800
Honduras	5 089 635	4 753 422	65	180	197	314
México	85 339 023	79 941 953	7 096	2 961	1 740	21 918
Nicarágua	3 111 000	2 759 146	120	161	214	531
Panamá	2 042 754	1 833 266	79	195	297	437
Paraguai	3 653 870	3 327 464	172	357	563	1 057
Peru	20 993 380	19 366 943	912	1 275	2 153	4 678
Porto Rico	3 392 730	2 753 000	289	421	538	1 417
R. Dominicana	6 072 716	5 675 191	122	342	542	1 295
Uruguai	3 013 223	2 457 203	185	355	522	1 552
Venezuela	16 659 644	15 156 524	871	1 133	1 575	3 525
América Latina:	409 084 526	365 998 213	31 282	22 472	34 286	116 410

Fonte: Mapa Pastoral da América Latina. CELAM, 1986.

LA SALETTE 88: «CAMINHADA COM MARIA»

Há lugares privilegiados e como que predestinados, nos quais o Céu parece vir ao encontro dos homens deste tempo e que são portadores da graça renovada sem cessar, à semelhança da fonte inesgotável que brota espontaneamente nesse lugar. La Salette é, com efeito, um destes recantos que desde 1846, atrai para o coração das montanhas do Delfinado, a 2 000 metros de altitude, as multidões ávidas de silêncio e de interiorização.

Sem dúvida, foi para responder a um novo apelo que neste Ano mariano, parte importante da Família Marista lá se reuniu para a primeira assembléia provincial no gênero, em princípio de agosto. Encontro marista de tipo novo, pois que aberto a *todos*: Irmãos, amigos, pais, jovens e ex-alunos. O convite feito pelos Irmãos e pelas comunidades encontrou eco: sobre cento e cinquenta participantes, a metade era de leigos de todas as idades, entre os quais um bom contingente de jovens que aceitaram fazer essa reunião exigente, em tempo de férias, para encontrar Marcelino Champagnat e seu espírito.

Os três dias de vida em comum foram vividos sob o signo da alegria, da amizade e da partilhas em profundidade. Todas as manhãs, os cantos maristas recém-compostos, nos uniam na vontade de fazermos juntos dessa jornada e de toda a vida, uma «caminhada do Evangelho».

E foi essa a experiência que cada um levou. Mais do que a teoria, era uma questão de vida: essa reunião de homens e mulheres muito diferentes, exuberantes e dinâmicos foi, acima de tudo, a imagem, a realização concreta da *Família Marista*, muito viva, vibrando com o mesmo espírito e com a mesma esperança. Diversos momentos importantes marcaram esse encontro onde se teceram laços de união mútua: a vigília com Guy Fatto, sobre o tema do apelo de Deus que se integra tão bem com nossa caminhada comum; a intervenção do Irmão Charles Howard, Superior geral, que após breve apresentação do Instituto, explicou

o que deve ser a Família Marista: «cristãos comprometidos que querem, antes de tudo, viver o Evangelho em vista da Missão»; e sobretudo o «Evangelho Champagnat» representado, ou melhor, vivido pelos jovens de Tarare e que terá sido para todos os participantes maristas e outros, a grande «revelação» do encontro.

O que cada um conseguiu descobrir no decorrer da celebração foi, com certeza, o novo rosto do Fundador resolutamente jovem, determinado, ligado à sua época, mas talvez foi ainda maior o testemunho sadio de um grupo de jovens estudantes que não temeram em proclamar sua fé, suas pesquisas, suas esperanças, os valores que os fazem viver... e a lançarem-se numa aventura espiritual que, de toda a forma os levará longe... (*Ver «Présence Mariste», n.º 176, pp. 19-20*).

O ponto mais alto da reunião ficará para todos a «Caminhada Mariana» sobre a montanha de La Salette que todos puderam fazer conforme as possibilidades físicas, escolhendo um dos três itinerários propostos. Em contacto com a natureza, que nos liberta das máscaras, em clima de ajuda recíproca e de partilha fraterna, vê-se como é fácil e quase natural ir ao encontro do outro e do mais que o outro, que é Deus! As partilhas, escalonadas junto aos precipícios do Gargas, nos prepararam também de modo muito natural à reunião por excelência que é o banquete eucarístico, realizado no Colo dos Túneis em extraordinário ambiente de fé e de mistério que o silêncio e o nevoeiro envolvente aumentavam mais ainda.

Para todos, La Salette terá sido uma etapa nos roteiros de verão. Daqui para frente já estamos «em marcha com Maria» para fazer como em Caná «tudo o que seu Filho nos disser».

Irmão Paul Boyat



RENOVAÇÃO DA FAMÍLIA MARISTA

Roma, 1º de setembro-26 de dezembro 1988

Objetivos do Curso

Descobrir e aprofundar a compreensão da espiritualidade marista através da pesquisa e assim:

- incrementar o apreço pelo carisma, origens e visão de João Cláudio Colin, Joana Maria Chavoïn, Marcelino Champagnat, Francisca Perroton e as Irmãs Pioneiras no sentido de estudar os desafios que se apresentam aos maristas para o século XXI;
- fazer experiência do carisma de cada ramo marista através da realidade vivida;
- desenvolver maior consciência da espiritualidade apostólica marista para a evangelização e a pastoral;
- fazer a experiência da renovação pessoal para maior compromisso com a vocação marista.

Esboço do Curso

- Orientação
- Pesquisa sobre o carisma marista - pesquisa / descoberta / partilha
- Peregrinação marista - França, 1 - 22 de outubro
- Evangelização
- Espiritualidade apostólica
- Liderança marista / Comunidade
- Retiro dirigido
- Pastoral. Perspectiva marista
- Síntese e avaliação



First row: (seated) Margaret Mary Fitzgibbon, smsm (New Zealand); Mary Ancillita Roberge, smsm (Vanuatu); Ben Kasteel, sm (USA); Christina MacLean smsm (USA); Valerian Braniff, fms (Australia); Cora Bergin, sm (Australia); Mary Clare Aldridge, smsm (Peru);

Second row: Raymond Carr, sm (USA); Mary Hager, sm (USA); William Doheny, fms, (Australia); Francine McGovern, sm (Australia); Andy Vaney, sm (New Zealand); Rory Mulligan, sm (Norway); Kathleen McDonagh, sm (England); John McDonnell, fms (USA); Bernadette McManus, sm (Fiji);

Third row: Brian Wanden, fms (New Zealand); James Lacrosse, sm (USA); Myra Niland, sm (Mexico); Christopher Mannion, fms (Ireland); Malia Tominika, smsm (Tonga); Kathleen Mercovich, smsm (Papua New Guinea); Elena O'Connell, sm (England); Myles J. Moriarty, sm (England);

Back row: Francis Ohiri, fms (Nigeria); Wilhelm Gerard Tangen, sm (Papua New Guinea); Michael J. Mullin, fms (USA); Gerard W. Timmerman, sm (USA); Timothy Metcalfe, fms (New Zealand); Patrick Doolley, sm (New Zealand).

Renovação conjunta das Congregações maristas

O grupo formado de cerca de igual número de Padres, Irmãs Maristas, Irmãs Maristas Missionárias e Irmãos Maristas, num total de trinta pessoas, está reunido na Casa Generalícia dos Irmãos Cristãos Irlandeses desde 1º de setembro. A localização está na Via della Magliannella, na parte oeste de Roma e apenas fora da perimetral. O local e o prédio foram bem escolhidos, e as acomodações e o ambiente otimamente adequados a um curso como o nosso.

A equipe diretora do curso está constituída assim: Padre Myles J. Moriarty, SM (Inglaterra), Irmã Cora Bergin, SM (Austrália), Ir. Brian Wanden, FMS (anteriormente em Friburgo), Irmã Christina MacLean, SMSM (EE.UU.) e o Ir. John McDonnell, FMS (EE.UU.).

A nacionalidade dos vinte e cinco participantes corresponde a estes países: Austrália, Inglaterra, Alemanha, Irlanda, Nova Zelândia, Nigéria, Tonga, Estados Unidos. O local de trabalho dos componentes está situado na: Austrália, Inglaterra, Fiji, Irlanda, México, Nova Zelândia, Nigéria, Peru, Noruega, Papua-Nova Guiné, Tonga, Estados Unidos e Vanuatu. Um conjunto tão rico de nacionalidades e experiências culturais muito ajuda para o enriquecimento mútuo.

A primeira semana e meia foi dedicada às orientações gerais e ao conhecimento dos participantes. Inseridos no horário estavam a oração em comum, a Eucaristia e cada semana um dia de oração ou de retiro. Isso continuou durante o curso todo. A orientação foi seguida por um período de informação sobre o carisma, a história e as origens da missão marista em geral. Isto cedeu lugar a um tempo de pesquisa nos grupos congregacionais, na história e no carisma de cada um, após o que, cada grupo teve seu turno de apresentar as descobertas dos membros.

A maior parte do mês de outubro foi passada na França, basicamente em l'Hermitage e St.-Chamond. De lá fomos em peregrinação aos diversos lugares associados aos Fundadores e Fundadoras e aos inícios das Congregações, visando perceber melhor o espírito marista daqueles homens e mulheres. Após nosso regresso a Roma, passou-se o tempo revendo, sintetizando e avaliando o que foi assimilado durante a peregrinação.

Ir. William Doheny, FMS
(Austrália)



A vida do Instituto

«Quatro vozes»

O programa noticioso da Rádio Vaticana chama-se «Quatro Vozes» e as notícias são lidas em italiano, espanhol, francês e inglês. Lembrei-me disto durante o curso, quando o Superior geral de cada um dos ramos maristas veio nos falar. O Padre John Jago, SM, nos esclareceu e nos desafiou para a liderança e a pastoral maristas: a Irmã M. Gathaldus, SM, e suas conselheiras nos falaram a respeito da preparação em nível individual, comunitário, regional, provincial e geral para o Capítulo geral que terão no ano próximo. O Irmão Charles Howard, FMS, nos falou a respeito dos esforços que estão sendo feitos para levar a termo as prioridades do Capítulo geral. Concluiu mostrando-nos slides de sua visita à China e da alegria que teve junto com os Irmãos que permaneceram fiéis, durante mais de trinta anos, com pouco contacto exterior com a Congregação. A Irmã Patrícia Stowers, SMSM, falou sobre nosso papel missionário entre nós mesmos, com as outras igrejas, com outras religiões do mundo e depois falou sobre a SMSM e sua presença e trabalho onde o cristianismo é religião minoritária. Nem todos são capazes de viver num ambiente predominantemente muçulmano ou hindu, apenas os que foram chamados para que Cristo, sua mensagem e o espírito marista enriqueçam as vidas daqueles com os quais as Irmãs entram em contacto.

Cada uma das «quatro vozes» trouxe a faceta de sua congregação no que toca ao espírito marista. E como nós nos enriquecemos ao escutar cada uma delas!

Nosso retiro dirigido, com a duração de oito dias, foi feito em Assis. Foi um grande privilégio pervagar pela cidade e nas redondezas onde são Francisco e seus companheiros viveram. Após oitocentos anos, seu espírito e o de santa Clara continua presente.

Nossos inspirados pregadores foram o Padre Tim Quinlan, SJ, Monsenhor Esquerda Bifet, o Irmão Richard Dunleavy and Greg Ryan, Irmã Ramona, ICM: Padres Jan Snijders, SM, e Leon Sagan, SM.

O programa foi muito bem elaborado com conferências pela manhã, almoço à uma hora da tarde, oração às 17 horas, Eucaristia às 18 horas e janta às 19 horas.

Os domingos são livres e deu-nos a oportunidade de descobrir Roma sozinhos. Aprendemos a enfrentar o serviço



de ônibus, o metrô, as lojas fechadas até às 16 horas, ler anúncios e o que está marcado nas mercadorias, em outra língua, e lidar com dinheiro italiano. Eu admirei a paciência que os negociantes tinham para conosco e ficamos impressionados com a cortesia nos ônibus e em qualquer lugar onde pedíamos informações.

Somos gratos às nossas Congregações por nos terem concedido este grande privilégio durante quatro meses. Agora cabenos pôr em prática todas as lindas coisas que aprendemos durante o tempo de renovação.

Irmã Margaret M. Fitzgibbon, SMSM
(Nova Zelândia)



JOSÉ, MARISTA IGNOTO

«Juntai, à devoção a Maria, a devoção ao glorioso são José, seu digníssimo esposo. Vós sabeis que ele é um dos nossos primeiros patronos.» (Bem-aventurado Champagnat).

Vida bem fora do comum foi a tua, José, esposo de Maria, Mãe de Jesus! E no entanto, teu papel é desconhecido.

Nos quadros que representam o nascimento de Jesus, tu estás no fundo, no canto esquerdo. O asno e o boi têm direito a ficar perto de Jesus na mangedoura, junto de Maria. Mas tu, tu és rejeitado! Tu em nada intervies-te na procriação do Filho de Deus!

Não somente estás relegado a um canto, mas estás em companhia do demônio que te assopra: «Não é possível que este menino tenha nascido de Deus.» Com certeza, tu tinhas o direito de indagar-te, mas podias tu vendo Maria, tua noiva, grávida, que isso poderia vir do Espírito Santo? Transformar esta interrogação legítima e passageira em tentação contra a fé, com certeza que não!

Maria, que Isabel proclama bem-aventurada porque acreditou, recebeu Jesus na fé. Não se pode dizer o mesmo de ti, José? Quando tu aceitaste desposar-te com Maria, não foste tu conduzido pelo Espírito? Não pressentias tu toda a riqueza espiritual de tua noiva?

Em todo o caso, logo que conheceste, em sonho, a verdade concernente a Maria, imediatamente, «ao acordares, tu a tomaste em tua casa» (Mt 1,24). Desta forma, mostraste a obediência pronta ao Senhor e tua grande delicadeza para com Maria e o Menino que levava no seio.

Deus te confiou, José, os dois seres mais sublimes: Jesus e Maria. Jesus, Filho de Deus, devia nascer de uma virgem. Tu, José, nem por isso és menos seu pai.

Foste tu que tiveste o cuidado de dar um nome ao Menino: «Tu lhe porás o nome de Jesus.» Deus te investiu com isso responsável pela família. O nome Jesus especifica sua missão:



«Yavhé salva» e te permite aproximar-te do mistério.

Graças a ti, as profecias se cumpriram. Foste tu que fizeste do Menino o filho de David e o herdeiro das promessas messiânicas. Jesus nascerá em Belém e poderia pretender à realeza como descendente de David, se seu reino fosse deste mundo (cf. Mt 1,20-21).

Teu título de chefe da família será reconhecido por Jesus: «Ele lhes era submisso», (Lc 2,51) e por Maria: «Teu pai e eu...» (Lc 2,48) e pelos compatriotas que apresentavam Jesus como o «filho do carpinteiro» (Mt 13,55). Ao dizerem isso, consagram-

te como artesão-mestre que soube se impor pelo trabalho.

O ofício de carpinteiro deve ter trazido muitas alegrias, sendo a principal a de teres tido com aprendiz Jesus, o Filho de Deus. Com certeza, tristezas também. As dificuldades não terão faltado: falta de madeira, clientes pouco satisfeitos ou alguns maus pagadores...

Conheceste a falta de trabalho? Foi necessário empregar-te como trabalhador nas obras criadas para a glória dos potentados da época? Então, foi preciso deixar Nazaré no começo da semana para reencontrar os teus no sábado seguinte... Mas, respeite-

mos a discreção evangélica que, no entanto, levanta um pouco o véu sobre tua personalidade: «Tu eras homem justo» (Mt 1,19).

Tu eras «justo» porque fiel observador da lei que Jesus resumirá no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo.

Tu terias merecido esta bem-aventurança: «Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11,28). Com efeito, cada vez que Deus te chamou, logo executaste a ordem: mesmo quando difícil, incompreensível. Tu te levantas, «tomas o Menino e sua Mãe», partes para o Egito, esperando novo chamado para regressar. Com esta obediência salvas a vida de Jesús. Ela não te dispensa de teres responsabilidades, nem de fazer escolhas. Foi assim que te estabeleceste em Nazaré, na Galiléia, e não na Judéia onde reinava Arquelau, filho de Herodes.

Nazaré, onde tudo começou com a visita de Gabriel! Nazaré, é tua vida com Jesus e Maria. Teu lar, ó José, é uma referência para todas as famílias cristãs, para todas as comunidades. Será para sempre modelo de espírito de família «feito de amor e perdão, entreajuda e apoio, esquecimento de si, de abertura aos outros e de alegria (Constituições 6).

Nazaré é o lugar onde Jesus cresceu, aprendeu um ofício, tornou-se adulto esperando sua Hora para anunciar a Boa Nova. Discreto, José, tu preservaste o mistério das origens divinas de teu Filho.

José, tu és o homem do silêncio: nenhuma palavra tua chegou até nós. Tu és o homem da sombra, da vida oculta. Tu poderias ter passado à posteridade como primeiro «Marista», mas João te superou quando recebeu, ao pé da cruz, Maria como mãe. É verdade que nos representa-

va a todos e em decorrência disto, Maria se tornava nossa mãe também. «A partir dessa hora, o discípulo a levou consigo» (Jo 19,27).

Mas tu, José, não nos representavas também? O «Fiat» de Maria, ao cumprir-se a encarnação de Jesus, foi dado por ela em nome de toda a humanidade. E tu, José, ao tomá-la como esposa, não foste tu o primeiro homem a ratificar seu «Sim», o primeiro a compartilhar a fé de Maria? Não foste tu o primeiro, depois de Maria, a prestar homenagem a Jesus, o Filho do Altíssimo vindo sobre a terra? ...

José, podemos conhecer-te ainda melhor? Suponho que tiveste favores especiais do Espírito Santo quando o anjo do Senhor, aparecido em sonhos, te fez conhecer o mistério (cf. Mt 1,20). A mais bela imagem que podemos achar da Trindade sobre esta terra é com certeza a da família. Mas tua família, a santa Família, é o quadro por excelência da Trindade.

Maria concebeu em sua carne e no tempo o Filho do Altíssimo que tinha sido engendrado desde toda a eternidade pelo Pai. Jesus é o Verbo de Deus, «o Filho bem-amado do Pai» (Mt. 3,17). Teu papel, José, é o do Espírito Santo que realizou e «cobriu de sua sombra» o grande mistério da Encarnação do Filho de Deus. Graças a ti, tudo poderá acontecer na discreção e dignidade requeridas, e chefe de família, tu permitirás que se realize. Do Espírito, tu compartilhas esta grande humildade: sempre no último lugar, fazendo o bem sem alarde.

Sim, José, teu destino é inseparável daquele de Jesus e de Maria. As três vezes que o Senhor interveio pelo seu anjo foram para dizer-te: «Toma o Menino e sua Mãe», o que fizeste de imediato.

Compreendo melhor porque o Bem-aventurado Padre Champagnat, que associava sempre Jesus a Maria, nos colocou sob teu patrocínio.

Ó são José, concede-nos «tomar o Menino e sua Mãe» em cada instante de nossa vida para que possamos celebrá-lo contigo durante toda a eternidade.

Irmão Jean Roche



Irmão Jesús Sánchez Martín. *Provincia de Castilla (Espanha)*

Nasceu em Tamames de la Sierra, Salamanca, Espanha, em 5 de agosto de 1936. Sua formação marista está ligada à casa de Tuy, onde ingressou no juvenato em 1948 e ali concluiu o noviciado, fez a primeira profissão (1952) e os votos perpétuos (1957). Licenciado em Ciências Físicas, prestou serviço primeiramente como professor e depois como Diretor em Palência e Valladolid. Em 1968-69 acompanhou o ano de espiritualidade em Roma. Desde 1983 esteve dando o que há de melhor de si nas missões de Angola, na diocese de Benguela. De lá, em maio de 1988, foi transferido para dirigir a Provincia de Castilla.



Irmão John Lek. *Provincia da China*

Nascido em Singapura, em 27 de dezembro de 1940, fez o juvenato na cidade natal e ingressou no noviciado de Tyngsboro. Depois da primeira profissão, em 1961, foi enviado para Poughkeepsie (EE.UU.) para fazer o escolasticado. Sua atividade apostólica desenvolveu-se nas escolas de Sibü (Malásia), Kowloon (Hong Kong) e Singapura. Fez os votos perpétuos em 1966 e os estudos superiores em Singapura e Manilha (Filipinas). Lecionava em Marist Stella High School, em Singapura, quando de sua nomeação, em maio de 1988.



Irmão Gilles Ouimet. *Provincia de Iberville*

Nasceu em Montreal (Canadá), em 16 de setembro de 1933. Juvenista em Iberville, noviço em St. Hyacinthe, fez a primeira profissão em 1951 e os votos perpétuos em 1956. Obteve a licenciatura para o ensino secundário em Montreal e cursou o ano de espiritualidade em Roma, 1974. Exerceu o apostolado nas comunidades de Montreal, Lambert Closse, St. Jean, Granby, Duvernay e no Colégio Laval. Participou do Capítulo geral de 1985. Quando de sua nomeação, em maio de 1988, era Superior da nova comunidade de Fort Coulonge e Vice-Provincial.



Irmão Pascal Nkurunziza. *Distrito do Ruanda*

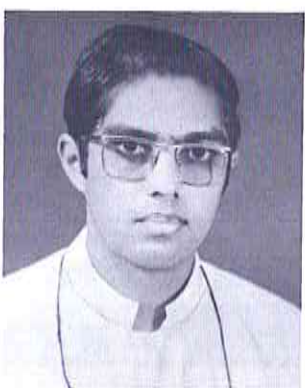
Nascido em Muyunzwe (Ruanda), em dezembro de 1934, entrou no noviciado de Nyangezi (Zaire) em 1954. Primeira profissão em 1956 e votos perpétuos em 1962. Trabalhou como professor e Diretor de juvenato no Zaire (Nyangezi, Kisangani, Buta) e no Ruanda (Save, Byimana, Musanze). Nesta última comunidade viveu treze anos como Superior e Diretor. Seus estudos em Arlon (Bélgica) e Bukavu (Zaire) concluíram-se com a Licenciatura em Pedagogia aplicada. Capitulante em 1985. Era Superior adjunto desde a criação do Distrito em 1985.





Irmão Tercílio Sevegnani. *Província de Santa Catarina*

Nasceu em Taió (Santa Catarina), em 18 de janeiro de 1948. Fez o noviciado em Passo Fundo, a primeira profissão em 1967 e os votos perpétuos em 1971. Depois do escolasticado em Santa Maria, lecionou um ano em Criciúma e foi a Roma para estudos teológicos. Professor em Jaraguá do Sul, o reencontramos em Roma em 1980 para estudos de Psicologia religiosa. Desde 1983, esteve encarregado da Pastoral e da administração provincial, em Florianópolis. Começou o mandato em dezembro de 1988.



Irmão Clifford Perera. *Província de Sri Lanka*

Nasceu em Kotugoda (Sri Lanka) em 21 de novembro de 1940. Fez o noviciado em Tudella (S.L.), a primeira profissão em 1960 e os votos perpétuos em 1965. Estudos superiores em Poughkeepsie e Honolulu. Sua atividade se desenvolveu sobretudo em Negombo onde foi professor, Diretor e Superior do Escolasticado. A partir de 1979 até o fim do último Capítulo geral foi Provincial. Recomeçou novo mandato em dezembro de 1988.



Irmão Herbert Scheller. *Província da Alemanha*

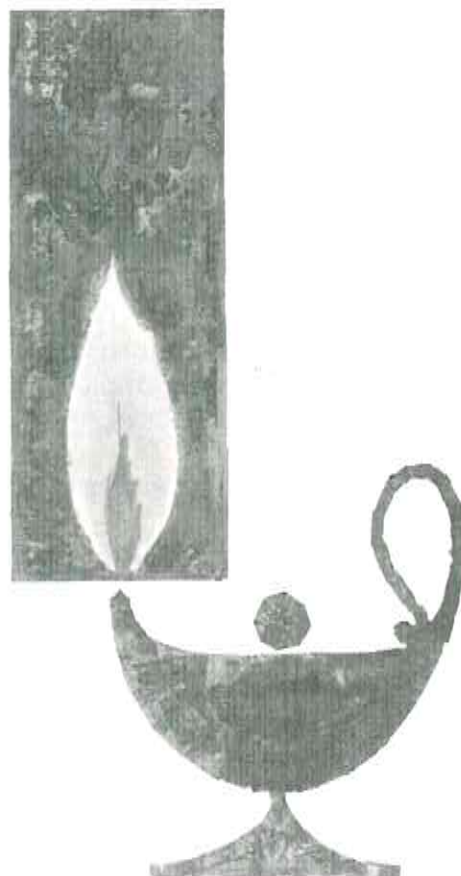
Nasceu em Retzstadt (Baviera) em 19 de outubro de 1946. Juvenista em Furth, noviço em Berggrub, fez os primeiros votos em 1966. Depois do escolasticado, trabalhou em Cham e em Mindelheim. Fez a profissão perpétua em 1974. Depois dos estudos universitários, foi Diretor em Munique e professor em Mindelheim. Era Superior desta última comunidade quando de sua nomeação como Provincial, em dezembro de 1988.



Irmão José Rúa Galina. *Província de León*

Nasceu em 4 de dezembro de 1935, em Cualedro (Orense). Aos 14 anos, ingressou no juvenato de Venta de Baños. Fez o noviciado em Tuy e os primeiros votos em 1953. Exerceu o apostolado nas comunidades de León, Orense, Tuy, Vigo e La Coruña, onde foi Diretor. Kursou as universidades de Santiago e de Madrid. De 1983 a 1985 trabalhou na missão de Buta, no Zaire. Desde 1986 até sua nomeação, em dezembro de 1988, foi Mestre de noviços de sua Província.

NOSSOS DEFUNTOS



Irmãos que não foram incluídos na lista precedente

ALONSO PÉREZ Anilo (Miguel Luis)	70	P	VIGO, Espagne	10.01.87
GOMES ROSA Antônio (Eduardo Nuno)	60	P	PORTO, Portugal	27.01.87
GUTIÉRREZ MARTÍN Lorenzo Refugio (Lorenzo Pedro)	64	S	TLALPAN, México	11.04.87
HALL William F. (Linus William)	83	S	MIAMI, Fla. États-Unis	14.05.87
SCHEH Anthony A. (Mary Anthony)	77	S	FLUSHING, N.Y., États-Unis	30.06.87
MELVIN Damian Tomas	41	P	WHEELING, WV. États-Unis	17.07.87

Irmãos falecidos desde 31 de julho de 1987

MAURI Martínez Juan Alfonso (Wilfredo Juan)	76	P	MIAMI, Fla., États-Unis	31.07.87
SMANIOTTO FILHO João (Jonas Roberto)	75	S	CURITIBA, PR. Brésil	02.08.87
BREMAND Fernand (Fernand-Gabriel)	77	P	ST.-GENIS-LAVAL, Rh. France	06.08.87
LÓPEZ LÓPEZ Eloy Tomás (Tomás Bernardino)	90	S	MORELIA, Mich. Mexique	06.08.87
POZAS INFANTE Nicolás (Marino)	62	P	BENALMÁDENA, Espagne	07.08.87
LAPOINTE Lauréat	76	P	CHICOUTIMI, Qué. Canada	08.08.87
RODIER Marcel (Paul-Albert)	84	S	JBEIL, Liban	11.08.87
GUERRA UBALDI Antonio (Antonio)	61	P	SANTIAGO, Chile	11.08.87
LASTRA BUJEDO Malaquías (José León)	84	S	BENALMÁDENA, Espagne	12.08.87
PERREAULT Bernard (Omer-Bernard)	78	S	IBERVILLE, Qué. Canada	12.08.87
RUSSELL Francis F. (Felix Matthias)	53	P	BOSTON, Ma. États-Unis	17.08.87
LEMAY Germain (Jean-Euthyme)	78	S	IBERVILLE, Qué. Canada	19.08.87
ORIVE OCHOA Luis (Roberto)	85	S	DENIA, Alicante, Espagne	20.08.87
CASADEVAL André (Constantien)	63	P	MARSEILLE, France	21.08.87
JONES Raymond (Paul Herbert)	75	P	CAMPBELLTOWN, NSW. Australie	22.08.87
CORS GIL Claudio (Dionisio Lino)	75	P	CHOSICA, Pérou	22.08.87
GIL SERNA Fortunato (Julio Fortunato)	75	S	QUITO, Équateur	24.08.87
BOULANGER Joseph (Xavier Leonard)	72	S	LAWRENCE, Ma. États-Unis	26.08.87
LEROY Jean-Baptiste (Jean-Vincent)	77	S	BEAUCAMPS, Nord, France	29.08.87
VICENTE FERREIRA Aníbal (Ricardo Amadeu)	75	S	RECIFE-Apíucos, Brésil	02.09.87

TARDIF Jules (Jules-Clément)	81	S	IBERVILLE, Qué. Canada	03.09.87
LUNKES Glottwich José (Tomás de Villanova)	63	S	CURITIBA, PR. Brésil	09.09.87
BELISLE Sinaï (Philibert-Joseph)	90	P	CHÂTEAU RICHER, Qué. Canada	10.09.87
PINARD Robert Joseph (Maurice Robert)	64	S	LAWRENCE, Ma. États-Unis	13.09.87
NOLAN Peter Harold (Peter Brinstan, dit Eugene)	61	P	SYDNEY, NSW. Australie	14.09.87
BUSTO CORCUERA Fernando (Fernando Manuel)	89	S	SEGORBE, Castellón, Espagne	20.09.87
MARTÍNEZ GONZÁLEZ Ananías (Nereo)	77	S	CARACAS, Champagnat, Vénézuéla	24.09.87
MORENO LÓPEZ Manuel (Pedro Cyrillo)	91	S	CAMPINAS, SP. Brésil	24.09.87
PAQUET Louis Philippe (Joseph Marc)	84	S	CHÂTEAU RICHER, Qué. Canada	24.09.87
NEGRON Pierre (Pierre Julien)	78	S	VARENNES S/ALLIER, France	26.09.87
ELIZAGARAY ECHARTE José (Belarmino)	85	S	LARDERO-Logroño, Espagne	27.09.87
HERRERA TABALDO Nicolás (Ovidio Nicolás)	65	P	RECIFE-Apíucos, PE, Brésil	28.09.87
CUDMORE Vincent (Maurice Charles)	72	P	DURBAN, Afrique/Sud	01.10.87
DOM Eugène (Gabriel)	69	S	BRUXELLES, Belgique	06.10.87
PRIMO PÉREZ Celso (Filogonio Mateo)	95	P	BENALMÁDENA, Espagne	11.10.87
COWLS Michael	34	P	SYDNEY, NSW. Australie	28.10.87
MONASTERIO SANCHO José (Pablo Jerónimo)	76	S	SANTIAGO, Chile	31.10.87
LAMONTAGNE Joseph (Joseph Damianus)	81	S	BRONX, NY. États-Unis	03.11.87
VÁZQUEZ FERNÁNDEZ José Luis (Rogelio José)	76	S	ORENSE, Espagne	07.11.87
ROTUNNO Anthony (Rock Anthony)	77	P	MIAMI, Fla., États-Unis	11.11.87
COLLET Philip Edwim (Maurus)	68	S	LOWER HUTT	18.11.87
BERGERON Eugène (Eugène-Benoît)	89	P	SAINT JEAN, Qué. Canada	20.11.87
PERRET René (Régis-André)	79	P	VIENNE, Isère, France	22.11.87
CALVO GONZÁLEZ Agripino (Teodosio José)	79	S	SAN MIGUEL, El Salvador	24.11.87
MARTÍN DÍEZ Mariano (Peregrino Emilio)	82	S	MIRANDA DE EBRO, Espagne	10.12.87
VARGAS MARTÍN Feliciano (Dositeo)	75	P	BUENOS AIRES-Inm. Argentine	16.12.87
BAECHTOLD Robert (Robertus)	82	P	LYON-Croix Rousse, France	18.12.87
MISS Otto (Otto Maria)	66	P	MINDELHEIM, Allemagne	21.12.87
BEEGAN James Francis (Éamon)	58	S	HIBBERDENE, Afrique du Sud	22.12.87
MÜLLER Konrad (Hildebald)	69	S	MINDELHEIM, Allemagne	25.12.87
TOUPIN Gédéon (Théophile) (F. Louis Abel)	83	S	ST. JEAN, Qué. H. Richelieu	01.01.88
BEDARD Pierre	37	P	ST. JEAN, Qué. H. Richelieu	02.01.88
PRECIADO CISNEROS José Miguel (Esteban Ricardo)	70	S	GUADALAJARA, Jal. Mexique	04.01.88
KRONAST Paul (Aegidius)	83	S	FURTH b. LANDSHUT, Allemagne	08.01.88
RACETTE Roger (Clément-Isidore)	55	P	IBERVILLE, Qué. Canada	09.01.88
RIVEILL Jean (Louis-Bonaventure)	85	S	VARENNES S/ALLIER, France	10.01.88
MARCHETTI Umberto (Contardo)	87	S	ALBANO LAZIALE, Rome	13.01.88
CRIADO MARTÍNEZ Julián (Filomeno)	76	S	ROSARIO, Santa Fé, Argentine	13.01.88
AMEZAGA GOMEZ Juan Manuel (Esteban Manuel)	86	P	SANTA MARIA, RS. Brésil	16.01.88
VIALA Joseph (Clovis)	90	P	BLANCOTTE, Cazère, France	21.01.88
TOUGAS Charles Émile (Émile Arsène)	73	S	ST.-HYACINTHE, Qué.	23.01.88
SUSS Josef (Otto Viktor)	68	S	DURAZNO, Uruguay	23.01.88
BINGHAM John Joseph (Senan)	81	S	CAMBELLTOWN, NSW. Australie	24.01.88
SONDEREGGER Gebhard (Marie Rupert)	68	S	FRIBOURG, Suisse	24.01.88
O'KEEFE Jeremiah Michael (Godwin Anselm)	63	S	BAYONNE, N.J., États-Unis	24.01.88
REID Jean (Louis-Dosithée)	60	S	IBERVILLE, Qué. Canada	29.01.88
SPALL Evaldo (Renato Lucio)	71	S	VIAMAO, RS. Brésil	29.01.88
RECH Ignacio João (Nilo)	76	P	NOVO HAMBURGO, RS. Brésil	30.01.88
LOYRION Augustin (Jean-Damien)	82	S	ST. PAUL-3-CHÂTEAUX, France	02.02.88
GAGNE Louis Philippe (Jules Ferréol)	79	P	ST. JEAN, Qué. H. Richelieu	05.02.88
LAMBERT Antonio (Louis-Vénérand)	74	P	CHÂTEAU RICHER, Qué.	16.02.88
DÍEZ DÍEZ Julián (Diego Julián)	74	P	BUENOS AIRES, Argentine	18.02.88
DUGGAN Francis Joseph (Lambert)	77	P	ASHGROVE, QLD, Australie	07.03.88
STEVENS Edward Patrick (Ephrem Elias)	82	S	ASHGROVE, QLD, Australie	08.03.88
VADILLO ROBREDO Cleto (Carlos Jenaro)	87	S	ALCALÁ DE HENARES, Madrid	10.03.88
SUÁREZ MENÉNDEZ Tomás (Luis Bernabé)	87	S	ALCALÁ DE HENARES, Madrid	14.03.88

COMUNELLO Inocente Antônio (Turibio)	74	P	SANTA MARIA, (Cerrito) RS.	15.03.88
SÁNCHEZ LIQUETE Clementino (Basilio Rafael)	68	S	ALAJUELA, Costa Rica	16.03.88
ZIND Pierri (Louis Laurent)	65	P	MENDES, RJ. Brésil	19.03.88
MERCIER Joseph (Henri Colomb)	100	S	CHÂTEAU RICHER, Qué. Canada	21.03.88
COPPEL Gérard (Louis)	76	S	MÂCON, France	23.03.88
TAYLOR William (Michael John)	80	P	HARARE, Zimbabwe	24.03.88
O'ROURKE Mark J. (Timothy Mark)	79	S	MIAMI, Fla., États-Unis	04.04.88
LAFLAMME Robert L. (Reginald Theodore)	62	S	GENERAL SANTOS-Lagao, Philippin.	07.04.88
CALLAGHAN John (John Emilian)	82	P	JOHANNESBURG, Afrique du Sud	09.04.88
DENIS Julien (Marie-René)	82	S	LOMME, Nord, France	09.04.88
TORDABLE PORTILLO Francisco (Luis Amalio)	60	P	BADAJOS, Espagne	13.04.88
GENTO BERNABÉ Alfredo (Alfredo)	74	S	BENALMÁDENA, Málaga, Espagne	17.04.88
GREGOIRE Joseph C. (Henry Charles)	96	S	KINGSTON, NY., États-Unis	17.04.88
VAN BOSSEGHEN Gérard (Jean Alexis)	75	S	MEULEBEKE, Fl. Occ. Belgique	19.04.88
DEVRIENDT Emile (Charles Hippolyte)	62	P	CHASSA-SINDA, Zambia	20.04.88
FOLEY John Patrick (Casimir Jude)	64	S	APIA-Lotopa, West. SAMOA	21.04.88
BRAUN Franz (Gunthard)	70	P	FURTH b. LANDSHUT, Allemagne	25.04.88
ROGNON Eugène (André-Chanel)	87	S	LYON, (Ste. Croix) France	18.05.88
FRANCÉS MERINO (Juan Ismael)	81	S	SURQUILLO, Lima, Pérou	20.05.88
ANGYAL Ferenc (Nandor)	77	S	VARENNES S/ALLIER, France	31.05.88
GAGNE Charles Eugène (Eugène-Albert)	64	P	CHÂTEU RICHER, Qué. Canada	05.06.88
KIPPER Luiz Jorge (Gabriel Luiz)	68	P	PORTO ALEGRE, RS. Brésil	08.06.88
REY CALDERÓN Lucas (Fernando Luis)	89	S	MADRID-San José, Espagne	09.06.88
HIGGINS Joseph Clyde (Alexius Mary)	80	P	SHEPPARTON, Vic. Australie	11.06.88
VIENNET Roger (Vianney)	79	P	JBEIL, Liban	12.06.88
MERINO RAMOS Arsenio (Carmelo)	86	S	LIMA-Casa Prov. Pérou	13.06.88
CASTRILLO ARRIBAS Ángel (Cecilio Marcelo)	76	S	BARCELONA-San Juan, Espagne	15.06.88
AYÚCAR ERASO Veremundo (Javier)	80	S	QUITO-Ac. Militar, Équateur	19.06.88
NIRSCHL Georg (Engelbert Maria)	75	S	MEXICO, Centre Médical	26.06.88
LAURINO Antonio (Hilario Luis)	78	S	LUJÁN, Argentine	27.06.88
URBAIN André (Étienne-Marius)	68	S	WATERLOO, Brabant, Belgique	28.06.88
AUTRAN Amewal Marcelo (Aleixo Maria)	58	S	ALTA FLORESTA, MGR. Brésil	07.07.88
ALONSO LOZANO Mariano (Víctor Mariano)	77	S	SIGÜENZA, Guadalajara, Espagne	09.07.88
COATES Benedict (Benedict Joseph)	69	S	RONDEBOSH, C.T. Afrique du Sud	10.07.88
GUERRERO Ignacio Antonio (Pedro Álvaro)	86	S	POPAYÁN, Cauca, Colombie	11.07.88
GIRALDO José Ignacio (José Policarpo)	57	S	POPAYÁN, Cauca, Colombie	13.07.88
ORTENZI Orlando (Leone Marcello)	76	S	TRENTO, TN. Italie	17.07.88
GONZÁLEZ RUIZ Ladislao (Evelio Ramiro)	63	S	BENALMÁDENA, Málaga, Espagne	19.07.88
GREGORIO DEL VALLE Lupicinio (José Gaetano)	77	P	PILAR, B. Argentine	19.07.88
DARAMOLA Lawrence Joseph	41	T	ENUGU, Anambra St. Nigeria	21.07.88
BASTIDE Elie (Éloi-Joseph)	82	S	ST.-PAUL-3-CHÂTEAUX, France	24.07.88
LLANILLO GARCÍA José (Fidel María)	72	S	SIGÜENZA, Guadalajara, Espagne	02.08.88
WAGNER Franz Xaver (Anastas)	92	P	VIAMÃO, RS. Brésil	04.08.88
HORBER Eugène (Eugène-Stanislas)	69	S	ST-DIDIER S/Chal. France	06.08.88
FRANTZ Aloysius (Cesario Lucio)	70	S	SÃO GABRIEL, RS. Brésil	11.08.88
POZA CIDAD Fausto (Elicio)	79	S	MIRAFLORES-LIMA, Pérou	14.08.88
SCHWAGER Geoffrey Patrick	43	P	CAMPBELLTOWN, NSW. Australie	15.08.88
ARCE ALONSO Leonardo (Felipe María)	65	S	MURCIA, Espagne	15.08.88
PRADUROUX Riccardo (Ignazio)	92	S	MONDOVÍ, Cuneo, Italie	16.08.88
ROUSSEU Kamiel (Camille-Edmond)	97	S	MONT ST. GUIBERT, Belgique	18.08.88
BURQUIER Francis (Marie-Constant)	78	P	ST-GENIS-LAVAL, Rh. France	23.08.88
CROTTY Gerard Malcolm	30	P	AUCKLAND, Nlle. Zélande	26.08.88
TOP Robert (Jean-Eucaire)	67	P	CHARLEROI, I/M/T/R. Belgique	30.08.88

ESTATÍSTICAS GERAIS DO INSTITUTO

EM 31 DE DEZEMBRO DE 1987

PROVINCIAS Y DISTRITOS	POST.	NOV.	TEMP.	PERP.	TOTAL	DIF.	SAL.	TOTAL	1ºS.V.
01 AFRIQUE DU SUD	00	01	04	33	37	01	00	01	00
02 ALLEMAGNE	01	01	04	74	78	03	00	03	01
03 AMÉRIQUE CENTRALE	13	17	34	146	180	02	01	03	08
04 BEAUCAMPS-S. GENIS	03	03	04	240	244	04	00	04	00
05 BELGIQUE-HOLLANDE	00	00	02	151	153	04	01	05	00
06 BÉTICA-BOLIVIE	02	06	26	172	198	03	05	08	02
07 BRÉSIL NORD	05	11	11	79	90	04	01	05	04
08 CASTILLA-ZAMBIA	00	14	21	156	177	01	04	05	04
09 CATALOGNE-PARAGUAY	22	22	47	218	265	00	04	04	14
10 CHILI	05	02	07	101	108	03	00	03	01
11 CHINE	01	01	03	47	50	01	00	01	00
12 COLOMBIE	04	20	14	80	94	01	01	02	07
13 CÓRDOBA	03	02	04	91	95	03	02	05	01
14 ÉQUATEUR	00	02	13	42	55	01	04	05	03
15 ESOPUS	05	02	03	168	171	06	01	07	00
16 GRANDE BRETAGNE-CAM.	02	06	13	66	79	00	01	01	03
17 IBERVILLE-ZIMBABWE	00	02	01	211	212	07	02	09	00
18 SECTEUR INDE	00	00	05	00	05	00	00	00	00
19 IRLANDE	00	01	01	38	39	02	00	02	00
20 ITALIE	02	00	04	113	117	00	03	03	03
21 LEÓN	15	03	13	169	182	04	01	05	07
22 LEVANTE	02	04	14	103	117	02	03	05	02
23 LIBAN-SYRIE	00	00	00	18	18	01	00	01	00
24 LUJÁN	00	02	04	108	112	02	06	08	01
25 MADAGASCAR	00	09	23	46	69	01	06	07	00
26 MADRID	09	02	05	127	132	00	04	04	00
27 MELBOURNE & ÎLES	01	00	04	146	150	02	03	05	00
28 MEXIQUE CENTRAL	00	15	31	131	162	02	06	08	05
29 MEXIQUE OCCIDENTAL	42	06	21	174	195	03	06	09	03
30 M.C.O.-HERMITAGE	00	00	00	265	265	07	00	07	00
31 NIGERIA	04	04	20	63	83	00	02	02	02
32 NORTE	10	00	06	145	151	02	00	02	01
33 N. ZELANDE & ÎLES	12	00	20	173	193	02	04	06	05
34 PÉROU	16	17	18	59	77	01	04	05	06
35 PHILIPPINES	09	05	08	44	52	00	02	02	02
36 PORTO ALEGRE	06	08	09	148	157	03	01	04	04
37 PORTUGAL	00	00	05	58	63	01	04	05	04
38 POUGHKEEPSIE	01	03	05	143	148	07	02	09	01
39 QUÉBEC-MALAWI	00	05	13	158	171	06	02	08	04
40 RIO DE JANEIRO	05	05	16	80	96	01	02	03	00
41 RWANDA	00	01	07	34	41	00	06	06	00
42 SANTA CATARINA	00	04	12	65	77	02	02	04	04
43 SANTA MARIA	02	03	09	90	99	01	02	03	02
44 SÃO PAULO	03	06	16	86	102	05	07	12	00
45 SRI LANKA	00	00	06	44	50	01	02	03	02
46 SUISSE	00	00	00	27	27	00	00	00	00
47 SYDNEY & ÎLES	06	04	14	319	333	03	10	13	04
48 URUGUAY	00	00	02	36	38	00	04	04	01
49 VÉNÉZUELA	11	08	29	42	71	02	03	05	03
50 ZAÏRE	00	08	18	32	50	00	07	07	05
TOTAL 1987	222	235	569	5359	5928	107	131	238	119
TOTAL 1986	230	252	638	5405	6043	95	101	196	
DIFERENCIAS	-8	-17	-69	-46	-115	+12	+30	+42	



FRÈRES DU COLLÈGE INTERNATIONAL, Rome, 1988-1989

1^{ère} rangée: Andrés Rosatto (Uruguay), Víctor M. Preciado (Mexique Occ.) Ernesto Tendo (Madrid); Léonide Rabemahasoa (Madagascar); Evilazio Tambosi (Sta. Catarina); Marco A. Vargas (Amérique C.); Mario Colussi (Afr. du Sud); Rufino Luciani (Italie); Carlos M. McEwen (Colombie); José M.^e Ferre (Zaïre).

2^{ème} rangée: José M.^e Custodi (Paraguay); Isidro Azpeleta (Chili); Alfredo Crestani, Directeur (Porto Alegre); Rafael Kongfook (Pérou); Manuel Mesonero (Madrid); José L. Elias (Bética); Anastasio Garcia (Mexique C.); Onorino Moresco (Porto Alegre); Fernando Nebreda (Madrid); Charles Howard, S.G.; Peter Rodney (Sydney); Amelio Cariducci (Córdoba).

3^{ème} rangée: Raúl Herrera (Mexique C.); Vicente Gutiérrez (Ecuador); José M.^e Soterias (Catalunya); Jorge Carbajal (Mexique C.); Jaume Parès (Catalunya); Hugo Bernaola (Pérou); Roque Brugnara (Sta. Catarina); Alberto Stephens (Chili); Charles Munyengango (Rwanda).

Absents: Inacio Nestor (Porto Alegre); Gregorio Bartolomé (Bética); Javier Ruiz (Norte).

THE ENGLISH-SPEAKING GROUP OF SENIOR BROTHERS, Rome, 1988

Top row: Brothers Denis Tankard (Melbourne), Paul Phillipp (Esopus), Giles Keogh (Esopus), Thomas Horgan (Melbourne), Patrick Magee (PKC), Joseph Dufresse (China), Ephrem King (South Africa), Conrad Lynch (Melbourne), Gerard Fitzpatrick (New Zealand).

Middle row: Brothers Malcom Hall (Papua New Guinea), Patrick Sheils (Great Britain), Claudius Pettit (New Zealand), Gerald Morin (Zimbabwe), Bernard Flood (Esopus), Kenneth Eaton (Sydney), Thomas Hennessey (Esopus), Georg Regul (Germany).

Front row: Brothers Terry Kane (Papua New Guinea), Vianney Dignam (Sydney), Reg Keating, SM (Australia, chaplain), William Lavigne (Esopus, co-Director), Charles Howard (Superior General), Roy Mooney (PKC, co-Director), Wallace Hamel (PKC), Justin Keady (Great Britain), Cyprian Gazaille (Zimbabwe).





RENEWAL COURSE FOR ENGLISH-SPEAKING BROTHERS, Rome, February-July 1988

Back row: Brothers Bernard McGrath (Sydney), Geoffrey Kelly (Sydney), Brian Wanden (New Zealand, Director), Father Reginald Keating, S.M. (Sydney), Brothers Frederick McMahon (Sydney, sub-Director), Mark Needham (Melbourne).

Middle row: Brothers Charles Aquilina (Sydney), Denis Richmond (Sydney), Joseph Sirimal (Sri Lanka), Nemesio García (Madrid), Luke Saker (Sydney).

Front row: Brothers Charles Howard (Superior General), Brice Bryzinski (Poughkeepsie), Frank McIntosh (Melbourne), Kevin Langley (Melbourne), David Lavin (New Zealand).

SESSION DE SPIRITUALITÉ POUR DES FRÈRES FRANCOPHONES, Rome, oct. 1988

(de gauche à droite)

1. Frères Emmanuel Gros, Maurice Vilz, Jean Roche, Abbé Charles Cauty, Charles Howard, S.G., Majella Bouchard, Alix Chopard, Karel Davids, René Mauss,
2. Frères Jean Loïselle, Diogène Dumortier, Jean-Paul Julien, René Millasseau, Amerigo Salvador, Marcel Hennache, Raymond Fillion, Jules Lengyel, Jean Lakomy, Léon Robert,
3. Frères Jérôme Bliakast, Léon Balandras, Michel de Wilde, Auguste Boit, Octave Cleeren, Florent Cokelz, Ignacio Gregory, Germain Maret, Alph. Delavis, Victor Vannoorenberghe.



SESSIONS DE SPIRITUALITÉ